SIT TIBI TERRA LEVIS

RITUAIS FUNERÁRIOS ROMANOS E PALEOCRISTÃOS EM PORTUGAL



MC
Ministério da Cultura
imc
Instituto dos Museus e da Conservação
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

S-I-T-L

SIT TIBI TERRA LEVIS

RITUAIS FUNERÁRIOS ROMANOS E PALEOCRISTÃOS EM PORTUGAL

MC
MINISTÉRIO DA CULTURA

imc
INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

EXPOSIÇÃO

COORDENAÇÃO GERAL
Luís Raposo

COMISSÁRIOS CIENTÍFICOS
Carlos Fabião
Mafalda S. Dias
Mélanie Cunha

COMISSÁRIA EXECUTIVA
Ana Ávila de Melo

CONCEPÇÃO E PROJECTO MUSEOGRÁFICO
Carlos Severo

DESIGN GRÁFICO
Artlandia

TRADUÇÃO PARA INGLÊS
Maria Florinda Costa

CONSERVAÇÃO E RESTAURO
Laboratório de Conservação e Restauro do Museu Nacional de Arqueologia: Coordenação de Mathias Tissot

FOTOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA
Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia
João Almeida

DIGITALIZAÇÃO DE IMAGENS
Isabel Revés

INTERPRETAÇÃO ETNOGRÁFICA
Nel do Fado (Rio de Moinho, Borba)

MONTAGEM
Museu Nacional de Arqueologia: Carla Martinho, João Almeida, Luísa Guerreiro, Luís Filipe Antunes, Paulo Alves

LUMINOTECNIA
Museu Nacional de Arqueologia: Salvador Baptista

EXECUÇÃO DE OBRA
Construções Sampaio, Lda.

CATÁLOGO

AUTORES
Carlos Fabião
Mafalda S. Dias
Mélanie Cunha

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Ana Ávila de Melo

FOTOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA
Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia
João Almeida

DIGITALIZAÇÃO DE IMAGENS
Isabel Revés

DESIGN GRÁFICO
Artlandia

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM
2000 exemplares

Impresso em Abril de 2008

ISBN: 978-972-9257-23-0

Depósito legal n.º 274 517/08

Apoio

Servilusa
Agências funerárias
grupo memória



A necrópole da Fraga fica junto da localidade de Feira Nova, freguesia de Alpendurada, concelho de Marco de Canaveses.
As necrópoles, romana e paleocristã, de Silveirona localizam-se no concelho de Estremoz, Alto Alentejo, a escassos metros da villa da Coelha, identificada mas não escavada por Manuel Heleno.



Placa funerária a *Laberia*
Mármore
Séc. I-II d.C.
Em reutilização numa sepultura do cemitério paleocristão de Silveirona
N.º E 8013
Alt. 45 cm; larg. 62 cm; esp. 9,5 cm

O insondável mistério da morte gera nas sociedades humanas distintos modos de lidar com os sentimentos de perda e ausência.
Nas atitudes em face da morte se percebe como se convive com o fim da vida.
Que a terra te seja leve, se conservas ainda uma existência subterrânea; **descansa em paz**, na esperança da ressurreição. De uma fé a outra se encerra um percurso civilizacional, da Roma pagã ao mundo do cristianismo, que sobreviveu à dissolução política do velho império, mas uma mesma interrogação intemporal.
Apresenta esta exposição, pela primeira vez de um modo sistemático, duas necrópoles romanas que foram escavadas em distintas fases da vida deste Museu.
As necrópoles propriamente ditas espelham bem o alcance e limitações do registo arqueológico. Dos complexos ritos que envolvem a última homenagem, somente parcos resíduos materiais se conservam. Contudo, se nem esses escassos indícios fossem devidamente lidos e salvaguardados, que restaria então?
Aqui se evocam as gentes da Fraga e da Silveirona, do norte e do sul do espaço hoje português, mas também os dois primeiros directores do Museu Nacional de Arqueologia que, pela escavação as resgataram do esquecimento.



Que a terra te seja leve

LABERIA
GALLI. F(*ília*). CATVLLA
AN(*norum*). LV (*quinquaginta quinque*). H(*ic*). S(*ita*) E(*st*)
S(*it*). T(*ibi*). T(*erra*). L(*evis*)

Aqui jaz Labéria Catula, filha de Galo, de cinquenta e cinco anos. **Que a terra te seja leve**
IRCP 456

Pelo epitáfio, o romano desejava perpetuar o seu nome, porque pensava que, de algum modo, continuaria a viver num mundo subterrâneo. Que a terra lhe fosse leve, era o voto que naturalmente expressava quem lesse a lápide em sua memória.



Lintel decorado de um possível mausoléu de época romana, de Silveirona, reutilizado na necrópole tardia.
Séc. II-IV d. C.
N.º E 7984
Comp. 137 cm; alt. 44,5 cm; larg. 21 cm

"Na parede SW havia assente na parede uma pedra de mármore ornamentada (...) com um friso encordoado que talvez fosse uma soleira a julgar por uma cavidade aonde parece ter girado um eixo dum portão. (...) Será a entrada dum templo ou dum túmulo?"

Manuel Heleno, 1934.

Como Manuel Heleno esclarece, foi encontrado na Silveirona um lintel de mármore decorado (e não uma soleira) de um possível mausoléu de época romana. Datará de entre o século II e o IV d. C. e teria sido reutilizado posteriormente na necrópole tardia. Por falta de outros elementos contextuais, não é fácil propor uma cronologia precisa para este elemento arquitectónico.





Sepultura IV do cemitério paleocristão de Silveirona, com esqueleto *in situ*. Fotografia de Junho de 1934.

Estudar as necrópoles das antigas sociedades

O estudo das necrópoles constitui uma aliciante e complexa tarefa, com diferentes etapas. Desde logo, a tentativa de entender o seu desenho e configuração e o que poderá significar. Depois, o estudo concreto dos rituais e de cada sepultura, entendida na sua singularidade, tentando partir daí para o entendimento de padrões de comportamento, sem esquecer que os restos antropológicos, quando existem, podem ser particularmente interessantes para um conhecimento da população. Na primeira metade do século XX o interesse que despertavam prendia-se principalmente com o facto de, por norma, fornecerem materiais em bom estado de conservação, assim se explica o interesse que um museu tem em promover a sua escavação.
Na falta de elementos mais concretos, o que nos resta hoje são as colecções de objectos depositados nas sepulturas, um espólio votivo composto por objectos do quotidiano. Na necrópole, este espólio constitui uma espécie de texto. Cada objecto – a sua natureza, o seu estado de conservação, a posição que ocupa na sepultura, a sua função – é como uma palavra que tentamos juntar a outras, para perceber a "frase" que compõem, os gestos e atitudes que revelam.



"Fraga. Urna funerária mostrando a collocação dos vasos. A mesma do nº I". 1903





Reconstituição de conjunto funerário a partir de fotografia de sepultura
Prato, taça, potinho, bilha, jarro
Cerâmica
Sécs. II/III-IV d. C.
Sepultura ? Fraga.

Alt. 3,9 cm; Diâm. abert. 17,0 cm
Alt. 5,6 cm; Diâm. abert. 19,6 cm
Alt. 11,6 cm, Diâm. abert. 7,4 cm
Alt. 20,5 cm; Diâm. abert. 4,6 cm
Alt. 21,9 cm; Diâm. abert. 9,5 cm
N.º inv. 16 559/ 16 540/ 16 513/ 16 492/ 16 484



Espólio funerário da necrópole romana de Silveirona exposto de maneira artística. Fotografia de Junho de 1934

A sua leitura não é linear nem definitiva e incontroversa.
Existem várias etapas no ritual funerário romano, cujos vestígios se podem observar:

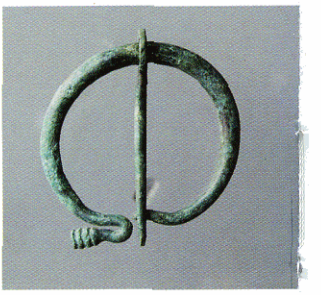
• Objectos associados ao momento que precede a deposição (por exemplo, unguentários, elementos de indumentária, moedas),

• Outros relacionados com a deposição: lucernas, cinzas e carvões, indícios de cremação, restos de elementos de caixão ou sarcófago, no caso das inumações; objectos de uso pessoal (adornos, amuletos, recipientes pessoais); oferendas ao defunto (perfumes, alimentos, objectos realizados expressamente para o efeito); restos de banquete funerário.









Potinho, cossoiro e fíbula
Cerâmica e liga de cobre
Sécs. I-II d. C.
Sepultura 11. Fraga.
Alt. 10,0 cm; Diâm. abert. 6,4 cm
Espess. 10,0 cm; Diâm. 4,0 cm
Espess. 0,4 cm; Diâm. 3,3 cm
N.º inv. 16 500/16 530/16 529

• Por fim, as lápides ou monumentos que sinalizam a sepultura; restos de *sacrifícios posteriores ao enterro, como* ossos, vasos depositados no interior, mas sobre o caixão.
São estes "textos", complexos e porventura mal traduzidos, que aqui se apresentam. No mundo pagão, compostos por utensílios do quotidiano, *sobretudo recipientes de comer* e de beber, em conjuntos variáveis no seu número e composição, ou outros de mais complexa interpretação, que nos falam de uma crença na existência além-túmulo. Para o mundo cristão, a ausência dos espólios votivos traduz um despojamento associado à crença numa futura ressurreição.

Potinho, taça, prato covo, jarro
Cerâmica
Sécs. II/III-IV d. C.
Sepultura 10. Fraga.
Alt. 11,0 cm; Diâm. abert. 5,6 cm
Alt. 6,0 cm; Diâm. abert. 26,0 cm
Alt. 6,4 cm; Diâm. abert. 22,6 cm
Alt. 21,8 cm; Diâm. abert. 9,3 cm
N.º inv. 16 510/16 537/16 560/16 570



NECRÓPOLE ROMANA DA FRAGA. MARCO DE CANAVESES



Fraga. Grupo de 3 sepulturas

Localidade de Feira Nova, freguesia de Alpendurada, concelho de Marco de Canaveses.

De um ponto de vista administrativo pertencia à província romana da *Tarraconensis* desde o século I d. C., passando a integrar a nova província da *Gallaecia* nos inícios do século IV.

Localizava-se no *territorium* de *Tongobriga* (Freixo, Marco de Canaveses) definido, grosso modo, pela serra do Marão e pelos rios Douro e Tâmega.

Esta necrópole romana teve uma localização privilegiada em local onde os rios e as estradas constituíam elementos estruturantes da paisagem, formando uma rede de vias de comunicação fundamental para as populações rurais, mais isoladas, que habitavam aquelas terras.

Trata-se de uma necrópole de incineração, o rito funerário utilizado no extremo ocidente da Península ibérica depois da conquista pelos romanos, que não seria muito distinto do praticado pelos indígenas. Consistia na cremação do corpo no próprio local onde ficava sepultado (em *bustum*) ou, neste caso, em local próprio (em *ustrinum*) com subsequente deposição em urna ou *locus* fúnebre.

A sobrevivência deste rito em épocas mais tardias, quando o cristianismo era já a religião dominante, pode explicar-se pela força das tradições e pela persistência das práticas pagãs.

Deve-se ao primeiro director do Museu a iniciativa da sua escavação.

José Leite de Vasconcellos (1878-1941)

Fundador e primeiro Director do **Museu Ethnographico Português** (1893), mais tarde, **Museu Etnológico Português** (1897), hoje, **Museu Nacional de Arqueologia,** cargo que ocupou até à aposentação, em 1921.



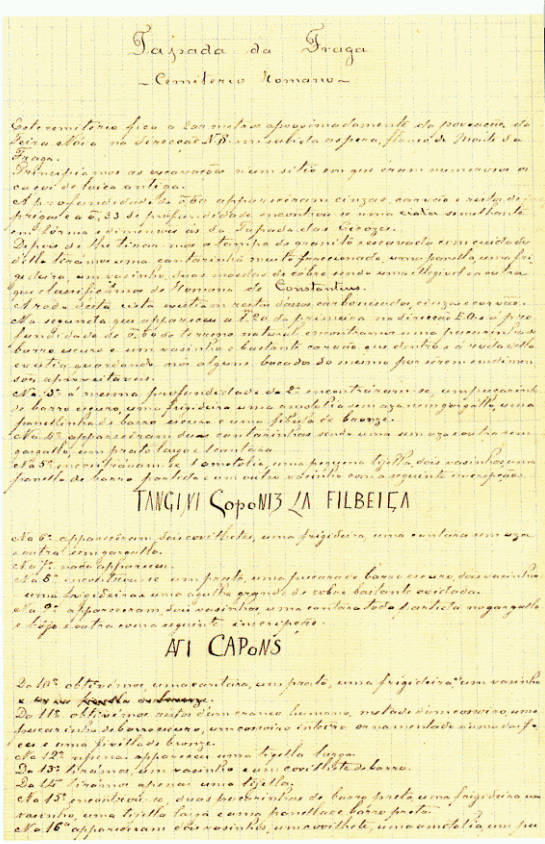
Pretendia o museu ***"representar a parte material da vida do povo português – isto é, tudo o que a esse respeito ethnicamente nos caracteriza."***

(Vasconcellos, 1915, p. 13-14).

José de Leite Vasconcellos, fotografia de 1908, in J. L. Cardoso, *O Arqueólogo Português*, série 4, vol. 24, 2006, p. 164, adaptado.

Necrópole de Fraga. Relatório de escavação de 1903, da autoria de Bernardo António de Sá.

Necrópole de Fraga. Relatório de escavação de 1902, da autoria de Júlio Eugénio César Garcia.



Fazenda da Fraga

– Cemiterio Romano –

Este cemitério fica a 200 metros aproximadamente do povoado da Feira Nova e da Torre do Tombo, ambos situados a oeste do Monte da Fraga.

Tabella explicativa das escavações e dos objectos encontrados em cada uma delas.

1ª sepultura. Inhumação. Dimensões 0,90 de largo, 0,40 de comprido por 0,30 de alto. Objectos encontrados – Um prato com rigorosas evidentes de ter soffrido a acção do fogo, uma bilha, e um copo.

2ª sepultura. Inhumação. – Dimensões 0,60 × 0,45 × 0,35 de alto. – Objectos encontrados. – 5; Duas bilhas, uma frigideira um prato, e um copo. Desta sepultura tirou-se photographia.

3ª sepultura. Profanada? Dimensões – 0,50 × 0,40 × 0,30 de alto.? Estas dimensões não são acquiridas pelas dimensões das respectivas cubas. Objectos encontrados nº 2; Um prato que se não encontrou; Uma bilha

TANGIVI COPOMIS LA FILBEIÇA

AFI CAPOMS

"Das excavações feitas por pessoal do Museu Etnológico Português (...) na Fraga (Feira Nova: Marco de Canaveses) podemos inferir que os cadáveres eram incinerados junto das sepulturas, e que dentro d'estas se recolhiam os restos mortuários, collocando-se-lhes ao pé vasilhame (...)" (Vasconcellos, 1913, p. 370).

Para o efeito, Leite de Vasconcellos reuniu as poucas colecções públicas existentes e promoveu a aquisição de algumas privadas, mas, sobretudo, empreendeu um extenso programa de recolha de materiais por escavação:

"(...) o Museu não existia: organizei-o eu depois, pouco a pouco, percorrendo o país, fazendo excavações em Trás-os--Montes, no Entre-Douro-e-Minho, na Beira, na Extremadura, no Alentejo e no Algarve (...)" (Id. p. 125)

No âmbito destas actividades, em 1902:

"(...) promoveram-se por conta do Museu, e sob a direcção de Júlio César Garcia e Almeida Carvalhais, excavações em cemitérios romanos na Feira Nova e no castro dos Arados (Marco de Canaveses), com muito proveito (...)" (Id. p. 322).

Continuadas em 1903:

"(...) continuação das escavações na Feira Nova (Marco de Canaveses) e no castro dos Arados, feitas por Bernardo de Sá, e Almeida Carvalhais, as quais se prolongaram em meses seguintes. Em Maio-Junho, excursão do Director a (...) Marco de Canaveses (onde assistiu ás referidas excavações)" (Id. p. 325).

Nas páginas de ***Religiões da Lusitânia***, Vasconcellos referiu-se sumariamente a esta necrópole:



Pratos e bilha
Cerâmica
Sécs. III-IV/V d. C.
Sepultura 6. Fraga.
Alt. 3,0 cm; Diâm. abert. 12,8 cm
Alt. 5,1 cm; Diâm. abert. 21,0 cm
Alt. 18,5 cm; Diâm. abert. 7,8 cm
N.º inv. 16 549/2 662/16 488

"No cemitério da Fraga as sepulturas eram rudes caixas feitas de cinco pedras, quatro das quaes serviam de parede e uma de tampa" (Id. p. 372)

Na figura 158, da página 371 das *Religiões da Lusitânia*, reproduz-se em gravura uma das sepulturas da Fraga, feita a partir de uma fotografia, demonstrando bem o pouco crédito que ainda se atribuía então a estas formas de ilustração.

"Sepultura antes da exploração. A mesma do nº II", 1903. Fraga.



Para lá do conhecimento dos ritos funerários romanos, a escavação pretendia a recolha de materiais em bom estado para o Museu.
A intervenção foi realizada por técnicos ao serviço do Museu, que receberam a visita do director. Não se pense, contudo, que este não acompanhava e orientava os trabalhos, mesmo à distância. O registo de campo foi cuidadoso, tanto para as duas necrópoles, como para o povoado, não faltando a representação em desenho esquemático das sepulturas e seus conteúdos e algumas escassas fotografias.
Assinale-se que, para as escavações do Castro de Arados não só há desenhos das estruturas identificadas, mas também representação de um corte estratigráfico.
Os técnicos que realizaram a escavação foram:
Júlio Eugénio César Garcia (Campanha de 1902): Condutor de Obras Públicas. Terá exercido a sua actividade no museu de 26 de Outubro de 1900 até meados do ano de 1902.

Bernardo António de Sá (Campanha de 1903): Condutor de Obras Públicas. Terá iniciado a sua actividade em Março de 1903 e esteve ao serviço da instituição até Outubro de 1906.
Almeida Carvalhais, que acompanhou ambas campanhas, era o desenhador do Museu.

Em duas campanhas sucessivas foram escavadas 30 sepulturas de características análogas, 23 em 1902 e 7 em 1903.
A arquitectura funerária da Fraga caracteriza-se por construções compostas por quatro lajes de granito, cobertas por uma quinta, revelando particular cuidado na delimitação de cada *locus* sepulcral. A sua organização não revela preocupações relacionadas com o espaço disponível, não se registaram reutilizações de sepulturas, nem se documentaram enterramentos colectivos.
Todas as sepulturas patenteavam o mesmo ritual funerário: a incineração. Pelo tipo de tratamento dado aos restos incinerados e a sua localização no espaço funerário podemos inferir que se tratou de incineração secundária, ou seja, num *ustrinum*, pelo que o local de enterramento não coincidiu com o de cremação.
Os conjuntos de oferendas apresentavam alguma variedade de tipos cerâmicos, correspondendo a distintas categorias funcionais.
O número de oferendas por sepultura variava entre 1 e 7 peças (algumas encontravam-se vazias), integrando conjuntos de teor funcional compósito, com recipientes destinados ao consumo de alimentos sólidos e líquidos.

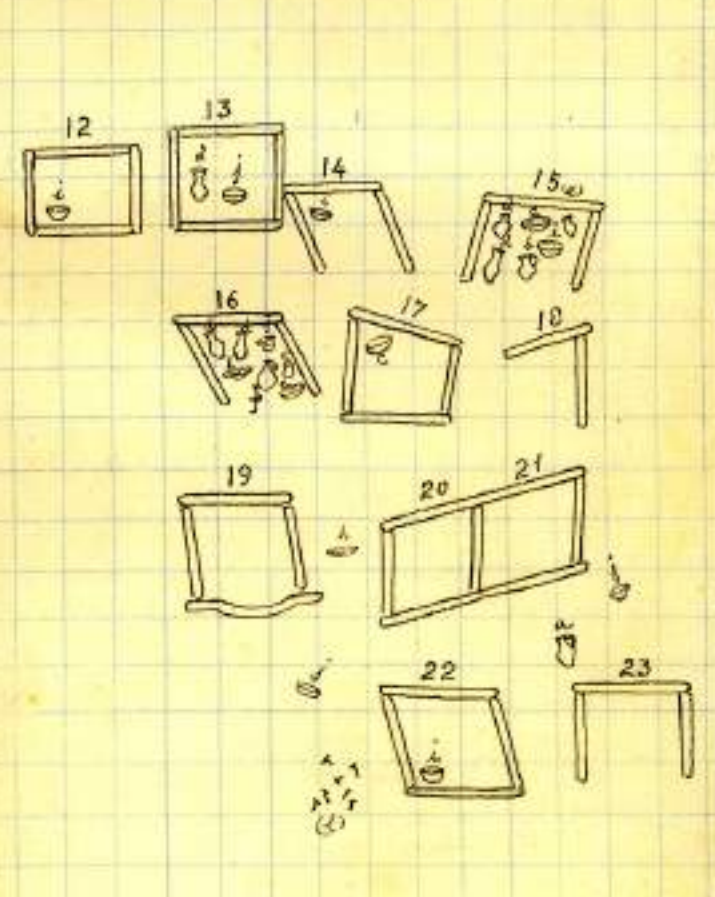


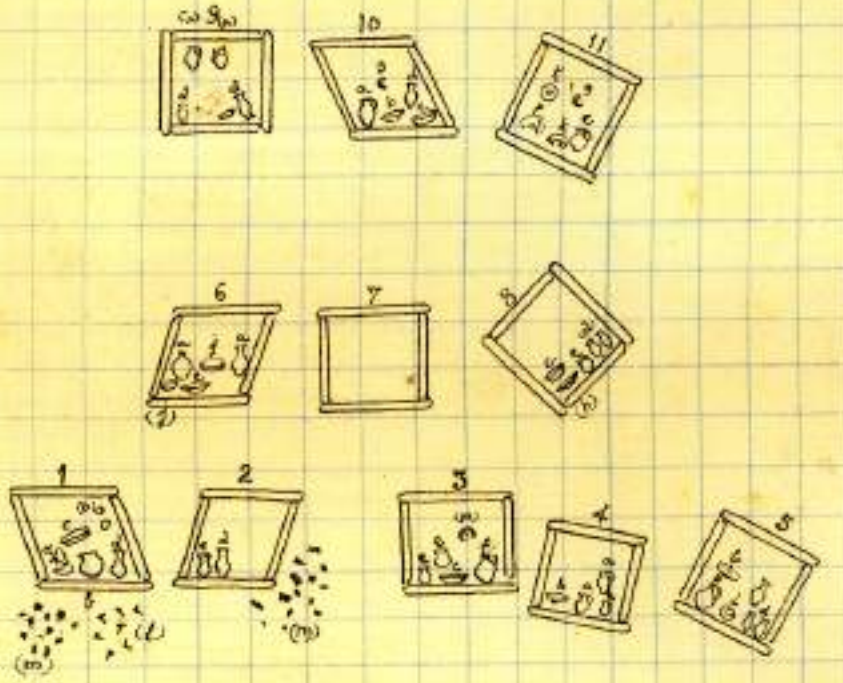
Sepultura cheia de vasos *in situ* da Fraga (Feira Nova –Marco)", 1903?

Conjunto de oferendas da sepultura 3
Prato, tigela, 2 potinhos, bilha e fíbula
Cerâmica e liga de cobre
Sécs. I/II-III d. C.
Sepultura 3. Fraga.
Alt. 4,6 cm; Diâm. abert. 20,0 cm
Alt. 7,0 cm; Diâm. abert. 16,4 cm
Alt. 12,6 cm; Diâm. abert. 9,6 cm
Alt. 9,2 cm; Diâm. abert. 6,2 cm
Alt. 18,5 cm; Diâm. máx. bojo 16,6 cm
Espess. 0,3 cm; Diâm. 2,4 cm
N.º inv. 16 565/16 545/16 491/16 502/16 483/16 531



Disposição das sepulturas e objectos n'ellas encontrados





- Legenda -

a ---------- cantaros
b ---------- jarrinhas
c ---------- frigideiras
d ---------- vasinhos
e ---------- jarrinhas
f ---------- Amotolias
g ---------- fivellas de bronze
h ---------- faratas
i ---------- fivellas
j ---------- covilhetes
k ---------- cossoiros
l ---------- prégos
m ---------- cabrião
n ---------- fibulas
o ---------- moedas de cobre
p. ---------- Craneo humano

Planta da necropole de Frage

Em bom estado de conservação, este espólio parece ter sido colocado de forma ordenada, a maioria agrupado nas extremidades ou junto às paredes laterais das caixas tumulares.
Pela natureza do espólio, pode admitir-se um âmbito cronológico que remonte aos fins do séc. I e II d.C., sendo as suas sepulturas mais tardias datáveis do séc. IV-V.

Os registos da intervenção no local abrem com uma exuberante descrição da paisagem, que terá fortemente impressionado os autores da escavação:

"No fertil valle banhado pelo Tamega, encontram-se as povoações de S. Payo de Favões, S. João d'Alpendurada, Varzea do Douro e Entre os Rios e do lado do Douro ficam as de Sande, S. Lourenço, Ariz e Magrellos, alem de outras que ficam d'uma e outra margem do rio até a povoação de Entre os Rios, ponto de junção d'este com o Tamega.
Do alto d'este monte, e em todas as direcções, desfruta-se um panorama surprehendente pelas muitas curvas que descrevem os dois rios, que quasi o envolvem, como nos extasiamos com os caprichosos cambiantes que formam os valles e serras que d'este elevado ponto se avistam. Não só nos valles e encostas como até no alto das serras que ao longe limitam o horisonte do observadôr, se avistam quintas e pequenas propriedades com suas alvejantes casinhas, surgindo caprichosamente d'entre aureos pomares de larangeiras e hortas florescentes, rodeadas de pujantes videiras, que com as suas hastes tortuosas enroscadas aos troncos das arvores ou suspensas em esteios de granito, formam abobadas de verdura, onde o forasteiro curiôso passa momentos de inefavel bem estar. Por todos os lados brota a agua em catadupas crystalinas, correndo rapida pelos declives arrebatados e desaparecendo nos dois rios que serenos correm ao Nórte e ao Sul."

Explicam também em que circunstâncias se identificou o local a escavar:

(...) " determinámos, também por informações do Snr Eduardo Nunes de Paiva, mudar o trabalho para a Tapada da Fraga (Villa do Monte) pertencente ao Exmo Snr Conde de Ariz, cavalheiro a quem aqui consignâmos o nosso profundo reconhecimento e gratidão pela maneira affavel e fidalga como nos recebeu, concedendo licença para fazer-mos excavações nos seus terrenos, e removendo algumas contrariedades, das muitas que surgem a quem tem de proceder a trabalhos d'esta ordem em terras onde entre o pôvo, predominam as lendas de mouras encantadas e thezouros por ellas guardados em rochedos, cavernas e rios, appellidando-nos de feiticeiros em procura de riquesas antigas."(...)
(Júlio Eugénio César Garcia, Relatório de escavação, 28 de Abril de 1902).

Contudo, não se pense que o relatório se circunscreve a estas impressivas generalidades, uma vez que descreve também com precisão as características da necrópole romana:

"Estas sepulturas não tinham orientação defenida e achavam-se esparsas por uma superficie de 300m2 avaliada a calculo, não havendo entre ellas relação media de distancia, pois que algumas se encontravam quasi juntas, e outras mantinham entre si espaços superiores a 3 m. Estas sepulturas formando uma caixa quadrangular constituidas geralmente por 4 lajes delgadas de forma irregular não affeiçoadas por qualquer trabalho previo mas simplesmente apropriadas ao fim a que se destinavam, eram tapadas superiormente por uma tampa em identicas condições, constituida também em geral por uma só lage"
(Bernardo de Sá, Relatório de 1903)

Não deixando de registar apontamentos concretos sobre os contextos e natureza das sepulturas:

"Principiámos as excavações n'um sítio em que éram numerosos os cacos de loiça antiga. À profundidade de 0.m50 apparecêram cinzas, carvão e réstos de prégos e a 0.m83 de profundidade encontrou-se uma cista semelhante em fórma e dimensões ás da Tapada das Eirózes. Depois de lhe tirar-mos a tampa de granito escavada com cuidado della tirámos uma cantarinha muito fraccionada, uma panella, uma frigideira, um vasinho, duas moedas de cóbre sendo uma illegivel e a outra que classificámos de romana de Constantius."

(Júlio Eugénio César Garcia, Relatório de 1902).

Não faltando também o registo preciso dos seus conteúdos e uma cuidada observação das características contextuais em que se conservavam as sepulturas.

O principal espólio recolhido

De entre o espólio, em excelente estado de conservação, recolhido nas escavações da necrópole da Fraga alguns exemplares merecem particular destaque. Por exemplo, embora não se documentem exemplares das produções cerâmicas de grande circulação, há peças que revelam clara influência das formas produzidas nos grandes centros oleiros da Península Ibérica e que, por isso mesmo, se podem considerar imitações de *terra sigillata* hispânica.

Todas documentam o fenómeno de assimilação dos modelos romanos pelos oleiros locais. Constituem elementos relevantes para a datação das sepulturas, uma vez que se afigura legítimo considerar que a cronologia destas não será muito diferente da que conhecemos para os modelos que as inspiraram.





Tigela
Cerâmica comum, imitação Ritterling 8
Sécs. II/III-IV d. C.
Sepultura 6. Fraga.
Alt. 5,5 cm; Diâm. abert. 17,0 cm
N.º inv. 2006.379.2

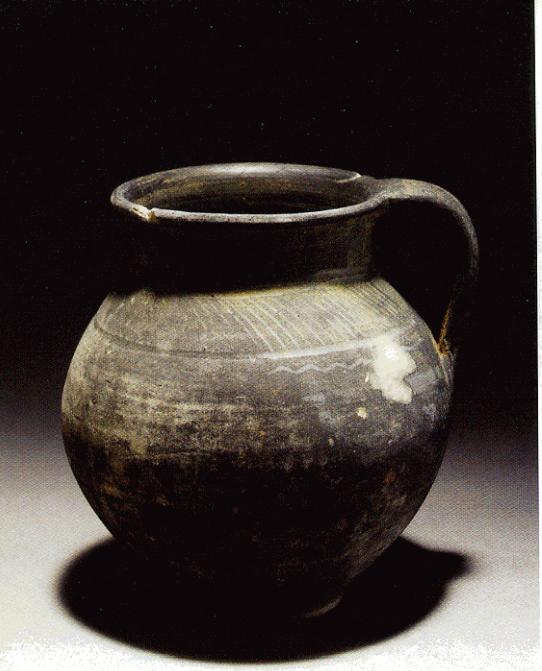
Taça
Cerâmica comum, imitação Dragendorff 15/17
Sécs. III-IV d. C.
Sepultura 8. Fraga.
Alt. 5,5 cm; Diâm. abert. 23,6 cm
N.º inv. 16 551





Tigela
Cerâmica comum, imitação Dragendorff 27
Sécs. I/II-III d. C.
Sepultura ? Fraga.
Alt. 6,8 cm; Diâm. abert. 14,0 cm
Nº inv. 16 542

Taça
Cerâmica comum, imitação Dragendorff 35/36
Sécs. I/II-III d. C.
Sepultura 1. Fraga.
Alt. 4,2 cm; Diâm. abert. 17,5 cm
Nº inv. 16 538



Potinho
Cerâmica
Sécs. I-II d. C.
Sepultura 15. Fraga.
Alt. 13,2 cm; Diâm. abert. 8,2 cm
N.º inv. 16 490

Potinho
Cerâmica
Sécs. I-II d. C.
Sepultura 15. Fraga.
Alt. 8,7 cm, Diâm. abert.: 7,0 cm
N.º inv. 16 505

Potinho
Cerâmica
Sécs. I-II d. C.
Sepultura ? Fraga.
Alt. 8,2 cm; Diâm. abert. 6,2 cm
N.º inv. 16 504

De entre as cerâmicas, particular destaque merece a cinzenta fina. Esta categoria integra diversos vasos de pequena dimensão, sobretudo potinhos, com e sem asa. As superfícies foram cuidadosamente alisadas ou mesmo polidas.

Muitos potinhos receberam decoração polida, no colo e no corpo, de finas linhas que formam diferentes padrões. Foram cozidos em forno fechado (cozedura redutora), o que lhes conferiu tonalidades escuras. Esta cerâmica de produção local / regional está presente em inúmeros povoados e necrópoles no Noroeste, devendo constituir uma tradição indígena, de origem pré-romana, que se conserva em época romana, conhecendo apreciável longevidade.

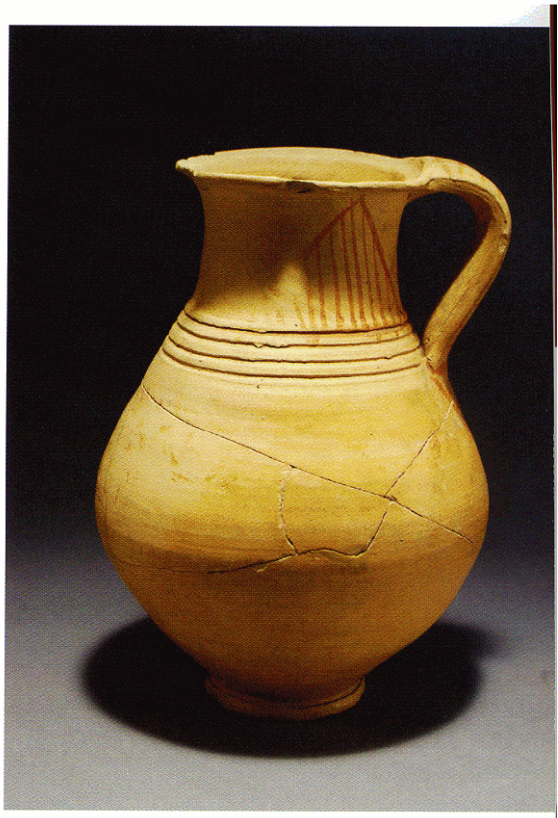
É de salientar também a presença de cerâmica pintada. Esta cerâmica é relativamente frequente na Península Ibérica, com distintas áreas de fabrico e gramáticas decorativas, constituindo uma boa síntese entre as tradições indígenas e o artesanato da época romana.





Registam-se jarros com a típica decoração inspirada nos padrões castrejos pré-romanos, linhas e triângulos preenchidos por séries de traços, documentando-se também as formas abertas com faixas pintadas no fundo interno.
Enquadra-se numa importante tradição local do Noroeste da Península Ibérica, que se estende desde os primórdios da presença romana até épocas mais tardias.

Regista-se ainda a ocorrência de grafitos de cariz alfabético, esquemático ou cruciforme em 12 peças. Todos foram inscritos após a cozedura. Tratando-se de peças que poderão ter sido reutilizadas no ritual funerário, consideramos os cruciformes e os esquemáticos como prováveis símbolos codificados de pertença pessoal, realizados pelo proprietário, em vida.
Os grafitos alfabéticos colocam outra ordem de questões, podendo ser considerados como o registo do nome do proprietário ou uma dedicatória em

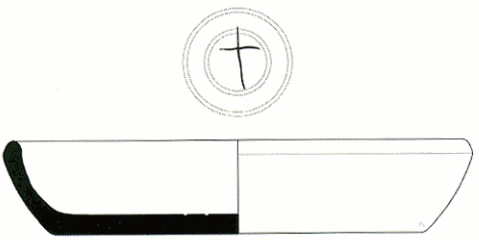


Jarro
Cerâmica
Sécs. I/II d. C.
Sepultura 16. Fraga.
Alt. 21,3 cm; Diâm. abert. 9,6 cm
N.º inv. 16 495

Tigela
Cerâmica
Sécs. III-IV/V d. C.
Sepultura 12. Fraga.
Alt. 6,8 cm; Diâm. abert. 21,0 cm
N.º inv. 16 556







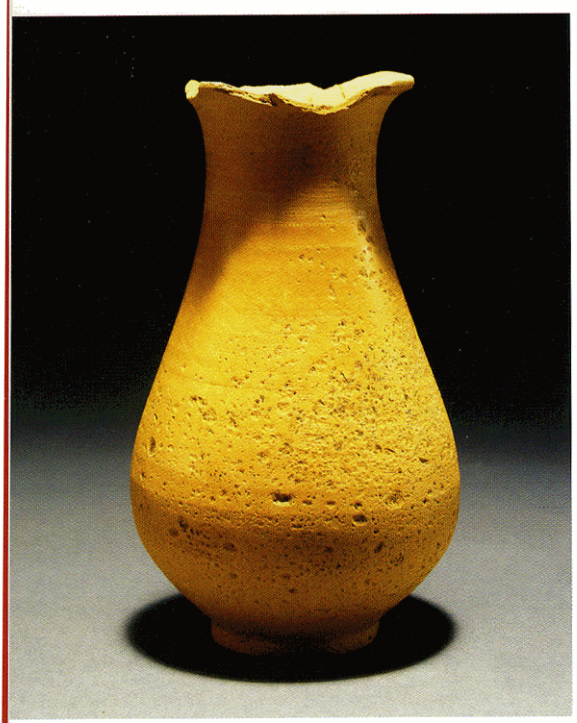
Prato
Cerâmica
Sécs. III-IV/V d. C.
Sepultura ? Fraga.
Alt. 4,4 cm; Diâm. abert. 21,6 cm
N.º inv. 16 563

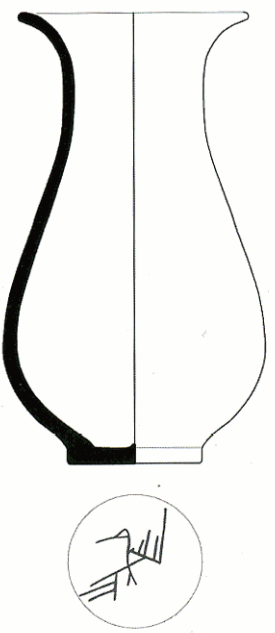
Potinho
Cerâmica
Sécs. I/II-III d. C.
Sepultura 9. Fraga.
Alt. 14,5 cm; Diâm. abert. 7,4 cm
N.º inv. 16 515

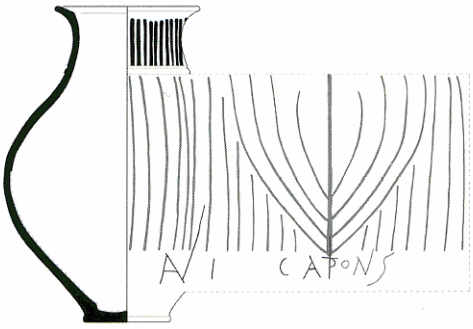
homenagem do defunto, cumprindo assim uma função não muito distinta da inscrição funerária, ainda que mais discreta.

Importa sublinhar que a presença destes grafitos alfabéticos constitui expressiva prova de um domínio da literacia, mesmo nestes ambientes rurais.

O relatório de 1902 regista as circunstâncias em que foram suspensos os primeiros trabalhos:









Jarro
Cerâmica
Sécs. II/III-IV d. C.
Sepultura 9. Fraga.
Alt. 20,3 cm; Diâm. abert. 9,4 cm
N.º inv. 16 494

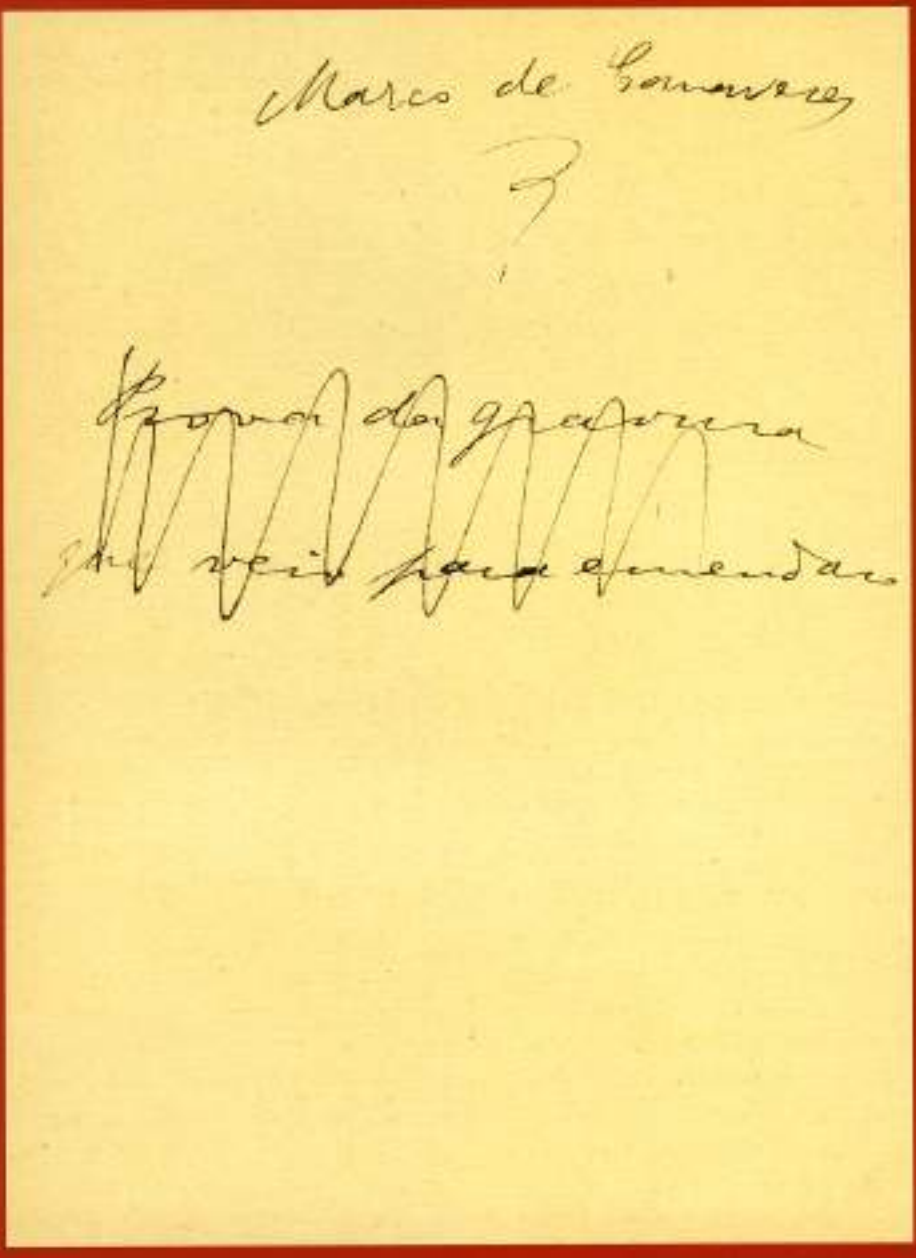
"Principiando a chover torrencialmente no dia 19, e receando nós termos de estar sem nada fazêr durante alguns dias, resolvemos com auctorisação do Exmo. Director do Museu retirar para Lisboa com os objectos adquiridos, ficando a exploração completa do Monte de S.Thiago, para quando o mesmo Senhor assim ordene."

(Júlio Eugénio César Garcia, Relatório de 1902).

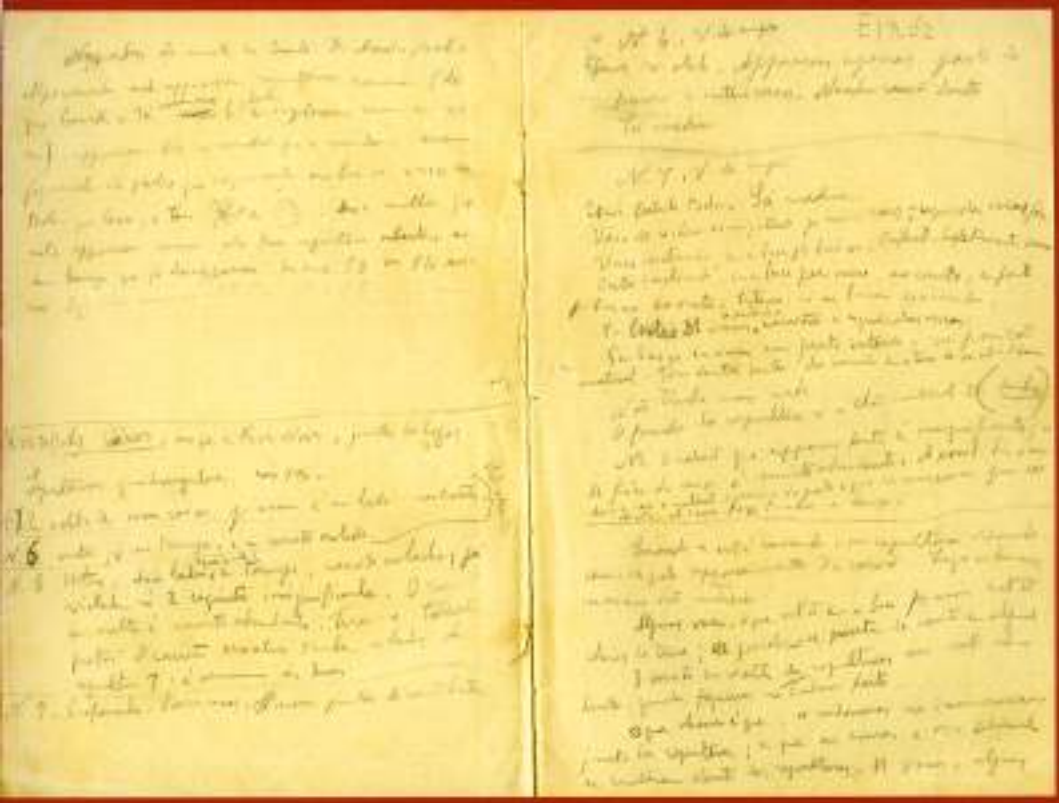
A qualidade do espólio recolhido na necrópole terá justificado a retoma dos trabalhos, no ano seguinte.
As intervenções arqueológicas realizadas nos primórdios do século XX não deixariam de impressionar fortemente as populações dos meios em que decorriam e, pelo seu carácter excepcional, constituíam notícia, como se pode ver pela *breve*, publicada na imprensa local:

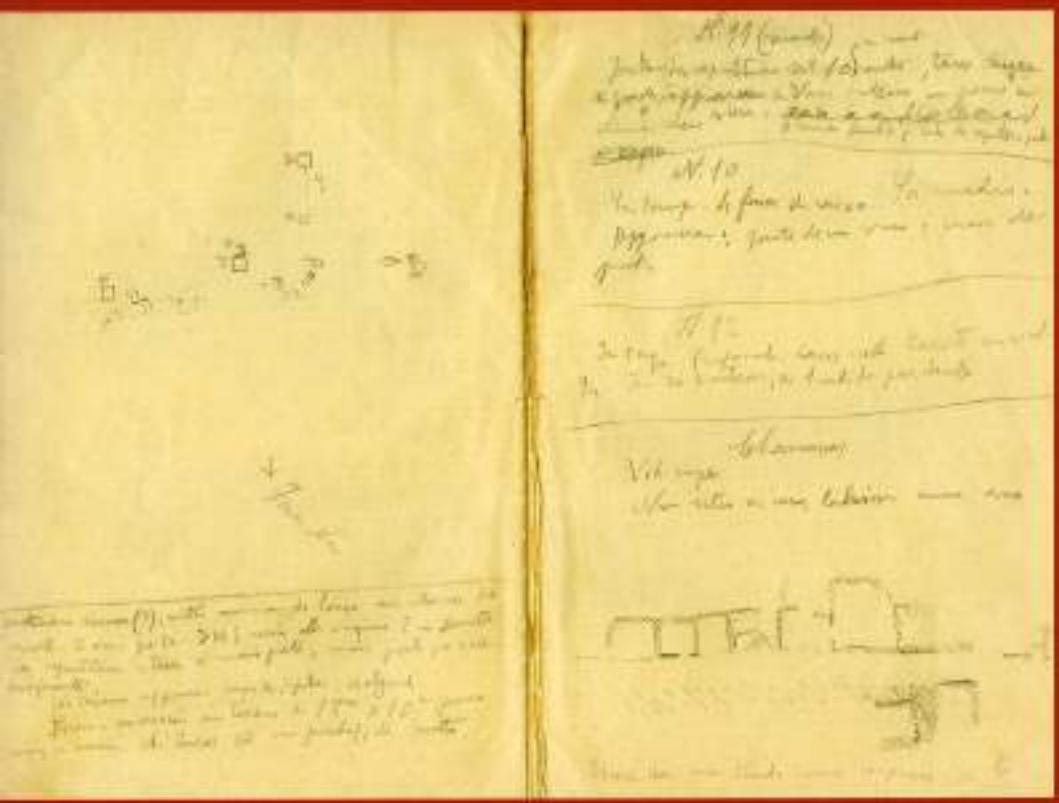
"Deve regressar amanhã a Lisboa a comissão archeologica, composta pelos snrs. Dr. Leite de Vasconcellos, Julio Garcia e José Almeida Carvalhaes, que tem andado em estudos archeologicos pelo norte do paiz. Na povoação da Feira Nova que dista 15 kilómetros do Marco de Canavezes, descobriram dous cemiterios romanos muito importantes, em cujas sepulturas encontraram varios objectos de ceramica romana, que formam uma importante colecção. As excavações continuam ainda, obtendo-se todos os dias novos objectos de grande valor scientifico."

O Comercio do Minho, Archeologia, 19 de Abril de 1902.



Apontamentos de J. L. Vasconcelos sobre a necrópole de Frágil Arquivo J. L. Vasconcelos, M. N. A.





A NECRÓPOLE ROMANA DE SILVEIRONA (ESTREMOZ)

As necrópoles de Silveirona localizam-se no concelho de Estremoz, Alto Alentejo, a escassos metros do que parecem ser as instalações de grande exploração agrária de época romana, a *villa* da Coelha, identificada, mas não escavada por Manuel Heleno, em pleno coração da província da Lusitânia, entre o litoral e a capital *Augusta Emerita*, em zona agrícola fértil e nas proximidades da zona de exploração de mármores.

Trata-se de uma necrópole onde predomina o ritual da inumação, embora se registem alguns casos de incineração.

A inumação, que foi o primitivo ritual fúnebre em Roma, mas que caíra em desuso nos primeiros séculos antes da nossa era, não foi o mais antigo rito registado nas províncias do Império. Regressou, mais tarde, durante os séculos II e III d. C., para se tornar a prática habitual do primitivo Cristianismo.

Tradições locais ou familiares poderão explicar a sua presença ou ausência nas necrópoles romanas, independentemente da época e pode dizer-se que é relativamente habitual que conviva com as práticas de incineração.

Deve-se ao segundo director do museu a iniciativa da escavação, no decurso dos trabalhos que realizava no local, preferencialmente orientados para o estudo de um cemitério mais tardio.



Sepultura A com espólio *in situ*. Silveirona.
Fotografia de Junho de 1934.



Parte do conjunto de oferendas da sepultura A. Púcaro e prato. Cerâmica.
Séc. II – IV d. C.
Alt. 7,7 cm; diâm. máx. 7,4 cm / Alt. 3,3 cm; diâm. máx. 14,4 cm
N.° inv. 2002.111.1/2002.26.46.



Manuel Heleno, fotografia de 1931



A descoberta do material arquitectónico do cemitério paleocristão de Silveirona. Início das escavações. Maio de 1934.

Manuel Heleno (1894-1970)
Conservador do Museu Etnológico Português, desde 1921, e segundo Director da Instituição de 1929 a 1964.
Sucedeu a *José Leite de Vasconcellos* e gizou para o Museu um extenso programa de escavações arqueológicas, destinado a dotá-lo de colecções que permitissem uma mostra representativa das diferentes épocas da ocupação antiga do território nacional.
No sítio de Silveirona, pretendia, por um lado, contribuir para o conhecimento da época que designava como *lusitano-romana*, *cujos estudos*, em seu entender, ***"entraram em franca decadência"***, depois da morte do fundador do Museu, José Leite de Vasconcellos (Heleno, 1956, p. 231); mas também porque não menos importante seria o local para o conhecimento *desses tempos obscuros*, ***"uma noite da nossa arqueologia"***: a chamada ***"época visigótica"*** (Id., p. 232). Sobre esta última, escreveu: ***"Alguma luz lhe procuramos dar com a exploração de dezenas de sepulturas no cemitério do século VI da Silveirona e com a recolha das suas inscrições romanas e visigóticas (...)"*** (Ibid.).
Na realidade, aquilo que pretendeu *apresentar como um plano* preestabelecido de investigações, não

passou em muitos casos de escavações realizadas em locais encontrados fortuitamente. No domínio dos métodos, embora anunciasse um propósito de maior atenção às circunstâncias em que se encontravam os artefactos, uma valorização mais funcional do que tipológica, mais cultural do que meramente arqueológica (Id.), não se pode dizer que tenha agido de um modo distinto do seu predecessor.
O estudo de Silveirona acabou por valorizar mais o contexto preciso de cada sepultura do que a compreensão do conjunto das duas necrópoles; com natural atenção aos respectivos rituais fúnebres e ao espólio antropológico (uma vez que se tratava de sepulturas de inumação), não se afirmando como uma verdadeira ruptura relativamente aos trabalhos que Vasconcellos orientou, por exemplo, na necrópole da Fraga.
Naturalmente, era um outro tempo, com redobrados cuidados e outra sofisticação dos meios de registo, de que o amplo recurso à fotografia constitui exemplo, mas não propriamente uma nova atitude.

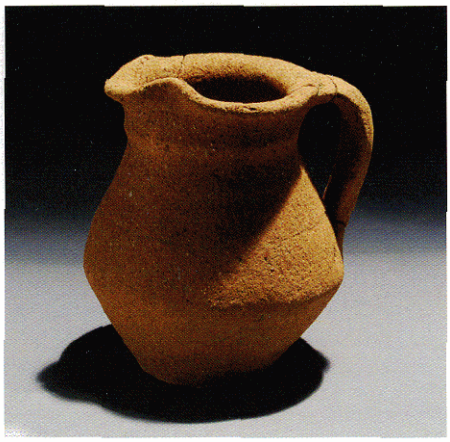


A equipa de trabalhadores dirigida por Manuel Heleno (nomes indicados nos cadernos de campo: *Albino, Felipe, Furcato (?), Marques, Maia* e *Moreira*). Maio-Julho de 1934.

Em Maio de 1934, trabalhos agrícolas na Herdade da Silveirona puseram a descoberto diversos materiais arqueológicos que permitiram identificar um cemitério da Antiguidade Tardia. Manuel Heleno, avisado da descoberta, decidiu proceder a escavações. Um mês depois, descobriu a 300 metros uma necrópole romana. Por se tratar de uma realidade inesperada, foi escavada de um modo menos cuidado e sistemático do que a primeira.
Contrariamente ao que se verificou com a intervenção de Vasconcellos na Fraga, em Silveirona, Manuel Heleno dirigiu pessoalmente uma equipa de sete homens que escavaram sepultura a sepultura, enquanto ia anotando nos seus cadernos de campo a orientação, forma e estrutura de cada uma delas, bem como o material osteológico e arqueológico que continham. No cemitério cristão, cada sepultura foi fotografada e numerada. Na necrópole romana poucas fotografias se fizeram. Nesta foram escavadas 86 sepulturas, na sua esmagadora maioria de inumação, mas o solo ácido não permitiu a conservação dos ossos na necrópole romana, contrariamente ao que se verificou na mais tardia.
As sepulturas tinham orientações variadas, mas predominava a WNW--ESE. A sua forma era rectangular, muitas abertas directamente na rocha, sem qualquer revestimento lateral, algumas eram cobertas por uma ou mais lajes de pedra, outras estavam revestidas com ladrilhos e/ou pedras.
A presença de elementos metálicos e pregos, em alguns enterramentos,



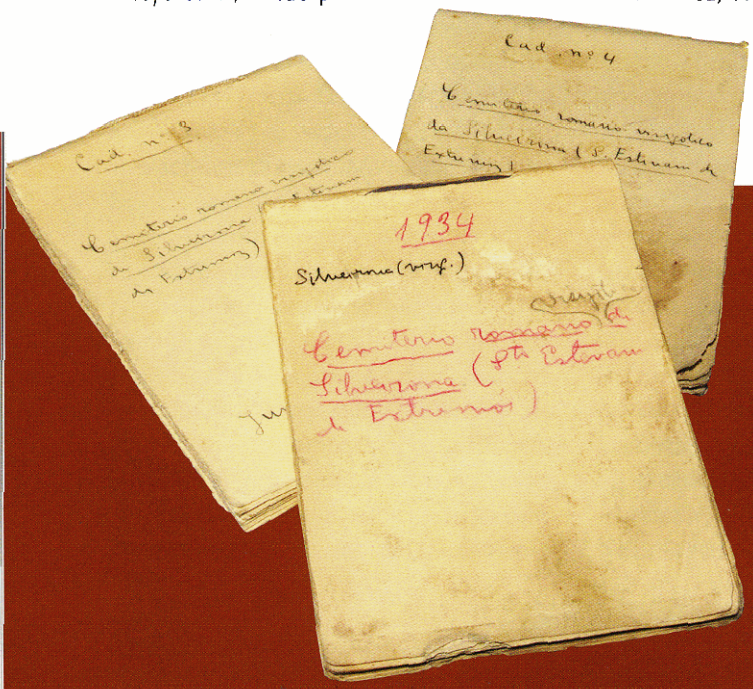
Púcaro
Cerâmica
Séc. III d. C.
Sepultura Z. Silveirona.
Alt. 8,6 cm; diâm. máx. 8,4 cm
N.° inv. 2002.38.1



Jarro
Cerâmica
Séc. V d. C.
Sepultura CD. Silveirona.
Alt. 13,7 cm; diâm. máx. 10,5 cm
N.° inv. 2002.49.1

constituíam prováveis vestígios do uso de caixões de madeira.
O espólio era constituído por cerâmicas, não muito numerosas, outras oferendas ou objectos pessoais do defunto, raras pontas de lança e cardas de sandálias, em ferro. Normalmente, estava depositado junto à cabeça, aos pés ou ancas do inumado. Registaram-se alguns casos de espólio depositado imediatamente sob as tampas das sepulturas.
A necrópole romana datará de um período compreendido entre o séc. II e o IV/V d. C., sendo provável que tenha sido continuada pela mais tardia, embora naturalmente em outro contexto religioso. Será provavelmente a mudança no âmbito religioso que explicará a criação do novo espaço sepulcral em local próximo, mas distinto.
Os cadernos de campo de Manuel Heleno constituem a principal fonte de informação; por eles sabemos as circunstâncias da descoberta e início dos trabalhos:

"As escavações do cemitério romano-visigótico de Silveirona, de S. Estevão de Estremoz, começaram no dia 22 de Maio de 1934. Foram provocados por uma indicação dos achados



Exemplos de cadernos de campo de Manuel Heleno. Maio a Julho de 1934.

feitos no local pelo Dr. Brito Tavares, de Estremoz, dono da herdade, ao Dr. Leite de Vasconcelos por sua vez me avisou. (...) "[O cemitério romano] fica situado na Silveirona a cerca 400m do monte da Silveirona (...), para o lado do poente. O cemitério romano confina com a Várzea da Coelha. Foi descoberto por mim e começadas as buscas de sepulturas no mês de Junho de 1934."

(Manuel Heleno, Caderno n.º 1, 1934)

Como se pode ver, já não há aqui lugar para impressivas descrições da paisagem, mas tão-somente a objectiva enumeração dos dados considerados mais relevantes.

O registo básico efectuado compunha-se de uma descrição sumária da orientação, estrutura e forma da sepultura e do respectivo espólio funerário, não foi realizado qualquer desenho, sequer esquemático, das sepulturas e do espólio que continham. A título de exemplo:

"Sepultura J (Fracata)
(...) Continha ao centro um prato (nº 28), uma tigelinha (nº 29) e uma púcara (nº 30). A sepultura estava à superfície."
"Sepultura AB (Albino)
Apareceram à cabeceira três bilhas: um prato (nº 47), dentro deste uma panela (nº 48) e ao lado um pucarinho com uma asa (nº 49) (...)."

(M. Heleno, Caderno de campo, 1934)

Os espólios funerários caracterizam-se pelo seu bom estado de conservação. Constituíam deposições intencionais que ficavam protegidas pelas estruturas sepulcrais. No caso de Silveirona, como em outras necrópoles, mas ao contrário do que se observa na Fraga, algumas peças estavam fissuradas ou mesmo partidas. Quebrar uma peça antes de a sepultar, para que não pudesse ter outros usos profanos, é uma das explicações possíveis e uma prática documentada em outros contextos fúnebres. Mas não podemos esquecer que a simples pressão das terras e as perturbações resultantes de trabalhos agrícolas poderão também ter danificado as cerâmicas, pelo que não se afigura fácil atribuir particular significado ao estado em que se encontraram os materiais.

A peça da sepultura BJ não foi encontrada no fundo da sepultura, junto do inumado, mas logo abaixo das tampas que a cobriam. Por isso, poderá ter sido ali colocada depois do enterramento, eventualmente no decurso de um banquete oferecido no aniversário da morte de quem ali teve a última morada. Infelizmente, não temos registos precisos e sistemáticos sobre as condições em que se encontrava a maioria das oferendas votivas.



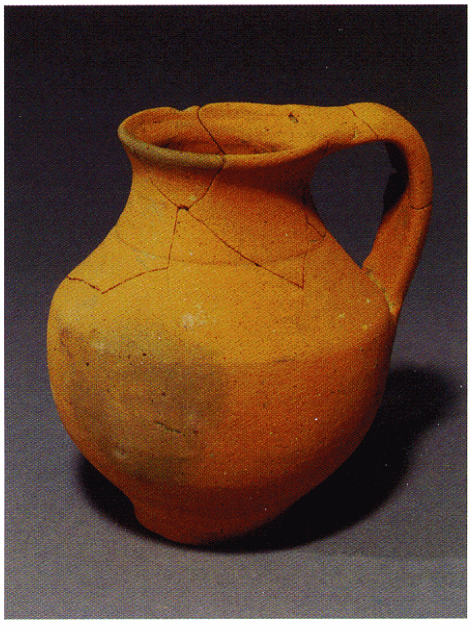
Parte do conjunto de oferendas da sepultura AB (Silveirona):
Prato, pote (*panela*) e púcaro
Cerâmica
Séc. II-IV d. C.
Alt. 5 cm; diâm. máx. 18,6 cm
Alt. 13 cm; diâm. máx. 16 cm
N.º inv. 2002.58.2/2002.58.1

O principal espólio recolhido

De entre o espólio recolhido nas escavações da necrópole romana, em estado de conservação que em nada se assemelha ao da Fraga por se encontrar muito fragmentado e afectado pela acidez do terreno, merece destaque: a cerâmica comum fina. Uma cerâmica de pasta muito depurada, dura e fina, com abundantes componentes não argilosos de fino calibre, bastante comuns na olaria romana do Alto Alentejo. A designação de "cerâmica comum" justifica-se por se tratar de uma produção de cariz local ou regional, originária de centro oleiro ainda não identificado. Esta designação serve também para a distinguir das categorias cerâmicas de grande circulação. Destacamos duas peças destinadas a servir líquidos, de formas pouco habituais entre a cerâmica comum desta região. Algumas peças cerâmicas apresentam "grafitos", inscrições feitas antes ou depois da cozedura, ainda que sejam bastante diferentes dos identificados na necrópole da Fraga. Aqui teremos dois casos com características bem distintas, um deles, inscrito na base de um recipiente, poderá ser interpretado como marcação/numeração de peça realizada pelo oleiro, o outro, um nome inscrito pelo proprietário, em vida, ou por outrem, em saudação do defunto. Assinala-se também a presença de eventuais mensagens de cariz religioso, como parece ser o caso da folha de louro e do peixe, esgrafitadas numa tigela, que constituem imagens



Cântaro
Cerâmica
Séc. II-III d. C. ?
Sepultura G. Silveirona
Alt. 23,1 cm; diâm. máx. 11,4 cm
N.° inv. 2002.53.1



Jarro
Cerâmica
Séc. II-III d. C.?
Sepultura AR. Silveirona
Alt. 11 cm; diâm. máx. 8,3 cm
N.° Inv. 2002.55.2

fortemente conotadas com o cristianismo. Uma vez mais, a inscrição de um nome próprio apresenta o particular significado de documentar o domínio da literacia em ambiente rural. Os espólios funerários incluíam, por vezes, peças de vidro. Estes objectos mais preciosos deveriam pertencer ao defunto. Pela sua fragilidade, são artigos de mais difícil conservação. Em Silveirona só conhecemos o contexto de recolha de uma garrafa de vidro, de cronologia mais tardia, encontrada entre o espólio da sepultura BO. Contrariamente ao registado na necrópole da Fraga, algumas sepulturas continham peças de *terra sigillata*, isto é, de cerâmica de melhor qualidade (elevada depuração da pasta e engobes brilhantes e resistentes). De formas estereotipadas e realizada em grandes centros oleiros especializados, identificados pelos selos (*sigilla*) que as marcavam, estas cerâmicas acabaram por moldar os gostos das populações e foram copiadas em olarias mais pequenas, que todavia não logravam alcançar uma qualidade análoga. Assinale-se um exemplo de *terra*



Copo?
Vidro
Barkòczi 54; variante Isings 106
Séc. III – V d. C.
Sepultura desconhecida. Silveirona
Alt. mín. 10,7 cm; larg. fundo 4,4 cm
N.° inv. 2002.26.62

Garrafa
Vidro
Isings 126 (?) ou Morin 12 (?)
Séc. III – V d. C.?
Sepultura BO. Silveirona.
Alt. 19,4 cm; diâm. máx. 8,4 cm
N.° inv. 2003.61.1







Tigela
Cerâmica comum, imitação Drag. 27 tardia
Séc. III d. C.
Sepultura BX. Silveirona.
Alt. 8 cm; diâm. abertura 20,6 cm
N.° inv. 2002.44.1

Lamparina ?
Cerâmica
Séc. II-III d. C.
Sepultura AM. Silveirona
Alt. 8,2 cm; diâm. máx. 10 cm
N.° inv. 2002.46.1

sigillata hispânica (cujo engobe não se conservou) e duas imitações de formas típicas desta produção, em "cerâmica comum".

Em Silveirona foram também encontrados recipientes de *sigillata clara*, de origem africana e igualmente imitações locais das suas formas.

Não são particularmente abundantes os achados numismáticos em ambiente funerário. Neste contexto, a moeda representa no mundo grego e romano o óbulo oferecido ao barqueiro Caronte, para que levasse a alma na travessia do Rio Aqueronte. Com o passar do tempo, esta tradição esbateu-se e as moedas que se encontram nas sepulturas representariam, provavelmente, uma simples reminiscência de um velho hábito, já de obscuro significado ou somente uma oferenda ao defunto.

Nem tudo o que se encontra no interior das sepulturas permite uma interpretação linear e incontroversa. O potinho com a pequena goteira sobre o bordo poderia ter servido como lamparina, desempenhando assim uma função puramente funerária, análoga à das lucernas. Não se pode, todavia, excluir a possibilidade de se tratar simplesmente de um objecto pessoal do defunto. A pequena placa de xisto é uma paleta para preparação de unguentos terapêuticos ou cosméticos. A sua presença em contexto fúnebre pode remeter para a profissão do defunto ou constituir simplesmente mais um objecto pessoal. A ponta de lança deve interpretar-se como um artefacto relacionado com actividades venatórias, como abundantemente se observa nos mosaicos.

Paleta ?
Xisto
Séc. II-V d. C.
Sepultura CS. Silveirona
Comp. 7,1 cm; larg. 5 cm; alt. 0,9 cm
N.° inv. 2002.36.1



A epigrafia da necrópole romana

Lavrar na pedra um nome, com indicação da respectiva filiação, as fórmulas votivas habituais e com a expressão saudosa de quem o mandou fazer, constituía o modo como o romano se procurava libertar da lei da morte.

Estas inscrições, em sólidos suportes que desafiam o tempo, pensadas para serem lidas em voz alta, estabeleciam a comunicação entre quem passa e aqueles que ali ficaram.

Que a terra te seja leve, seria o voto formulado por quem as lesse.

Pedras que falam. De gentes e das suas crenças, mas que dizem também dos níveis de literacia de uma sociedade, que pela mensagem escrita buscava a perenidade.

As placas funerárias da Silveirona foram encontradas fora do seu contexto primário, reutilizadas como paredes de uma sepultura no cemitério tardio – ***"Entre as sepulturas com lajes há uma que era constituída dum lado pela inscrição a Laberia e a L. Valerius Maximus."*** (Manuel Heleno, 1934).

Estariam fixadas em monumentos que se erguiam na necrópole romana e terão sido extraídas pelos finais do século V, quando esta se encontrava abandonada.

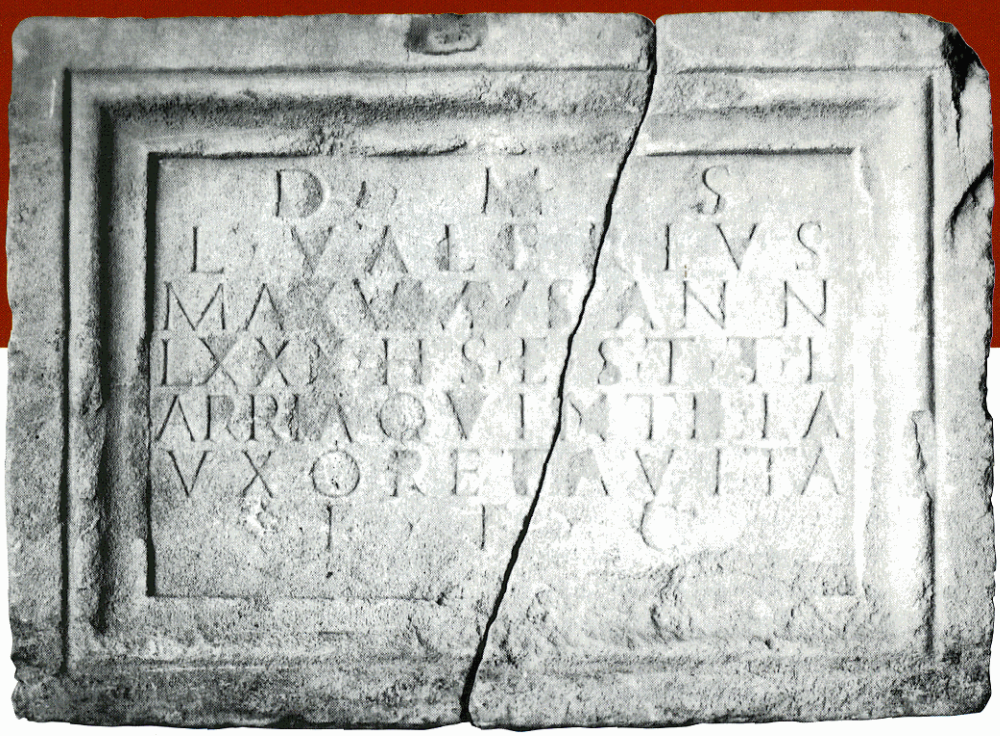
D(*is*) M(*anibus*) S(*acrum*) / Q(*uintus*) (*hedera*) FABIVS (*hedera*) TRYPHON / ARGYRIVS (*hedera*) ANN(*orum*) (*hedera*) XXV (*viginti quinque*) (*hedera*) / H(*ic*) (*hedera*) S(*itus*) (*hedera*) E(*st*) (*hedera*) **S(*it*) T(*ibi*)** (*hedera*) **T(*erra*)** (*hedera*) **L(*evis*)** (*hedera*) / TRYPHON (*hedera*) PATER (*hedera*) FILIO (*hedera*) / DESIDERANTISSIMO F(*aciendum*) C(*uravit*)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Quinto Fábio Trífon Argírio, de vinte e cinco anos. Que a terra te seja leve. O pai, Trífon, mandou fazer ao filho muito saudoso.

IRCP 450

Placa funerária a *Q. Fabius Tryphon Argyrius*
Calcário acinzentado
Séc. III d. C.
Em reutilização numa sepultura do cemitério paleocristão de Silveirona
Alt. 63,5 cm; larg. 93 cm; esp. 10 cm
N.° Inv. E 8014





Placa funerária a *L. Valerius Maxumus*
Mármore
Primeira metade do século II d. C.
Em reutilização numa sepultura do cemitério paleocristão de Silveirona
Alt. 48 cm; larg. 65,5 cm; esp. 10 cm
N.° Inv. E 8018

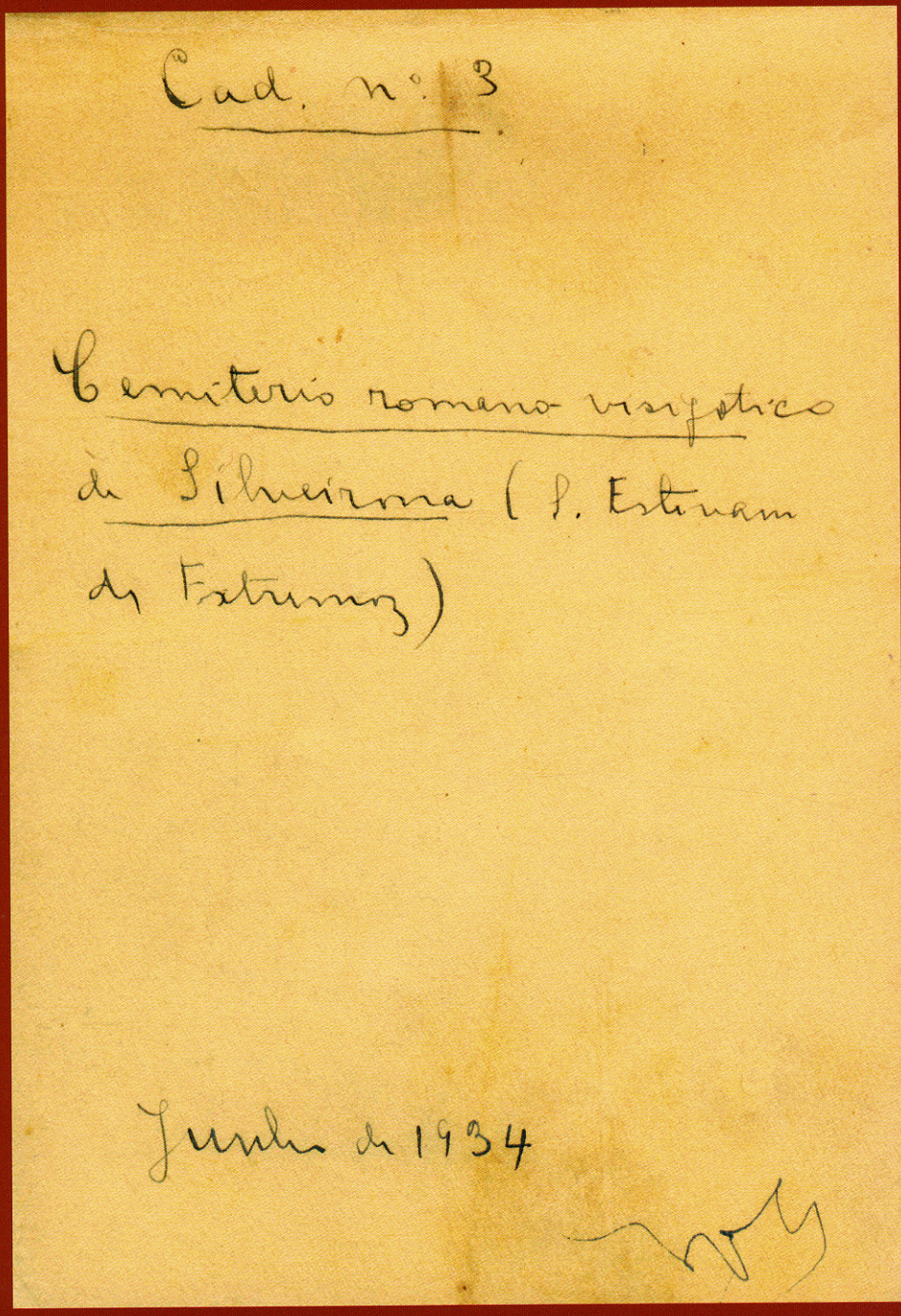
D(is) *M(anibus)* *S(acrum)*
L(*ucius*) VALERIVS
MAXVMVS ANN(*orum*) LXXX (*octoginta*) H(*ic*)
S(*itus*) E(*st*) **S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*)**
ARRIA QVINTILLA
VXOR ET AVITA
F(*ilia*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Lúcio Valério Máximo, de oitenta anos. Que a terra te seja leve. A mulher, Árria Quintila, e a filha, Avita, mandaram fazer.
IRCP 470

Pelas inscrições e pela riqueza e diversidade do espólio fúnebre, resulta evidente que as gentes de Silveirona viviam num ambiente mais rico e cosmopolita que os utilizadores da necrópole da Fraga. A necrópole de Estremoz regista também uma maior longevidade, acompanhando a grande mutação cultural que o cristianismo introduziu no império romano.



Três placas romanas e capitel visigótico. Fotografia de 1934.


Cad. nº 3

Cemitério romano-visigótico
da Silveirona (f. Estremoz
de Estremoz)

Junho de 1934

Caderno de campo n.º 3, 1934.
Arquivo Manuel Heleno, M. N. A.

Sepultura XXI (V-A XIX e XX refs)

Orientação NW - SE

Paredes laterais feitas de lages bem assentes ligadas em barro, formando parede de sepultura de 0,18 aproximadamente.

Cabeceira e pés de lages de tufos. Grande assento na cabeceira, estendendo-se pelos pés de dimensão média entre 0,54 e 0,72. Largura de ref. 1,83, largura à cabeceira 0,35, ao meio 0,33, aos pés 0,37. Alt. 0,27.

No sepultura encontrou-se 4 contas, com a cabeça

---

para NW um esqueleto de uma mulher que media de comp. 1,55. A cabeça olhava para o sul, voltada com a boca aberta, dentes duros com falta.

Os braços estavam formando um grande ang. sobre o peito, a esquerda por baixo e a direita por cima. As pernas estendidas e juntas, as da direita (ou lado do pé esquerdo) estavam uma sobre a outra, mas já com muitos ossos fora, tíbia e perónio bem juntos.

Todo o esqueleto está em bom estado. Encontrou-se a coluna vertebral, a bacia etc.

Uma particularidade interessante apresenta este esqueleto: Um dedo da mão direita tem um anel de osso ou bronze com ornamentação. Esta ornamentação é constituída por duas linhas marginando todo o anel entre as quais corre em volta um fio - fio. Pelos ângulos do fio - fio tiveram a preocupação de colocar as margens do anel a fim de lhe darem um ar mais pronto.

O diâmetro do anel mede 0,015.

Outra particularidade deste esqueleto é o encontrar-se ainda o esqueleto com bronzes precisamente na região das orelhas.

Os bronzes têm a forma de argolas e são bastante de cobre ou bronze.

Mostrou-os na sua loja em comunicação de recente sepultura com os objectos para o Museu Etnológico.

Vimalha 16 Janeiro.



Vista parcial do cemitério paleocristão com lintel *in situ*. Fotografia de Junho de 1934.



NECRÓPOLE TARDIA DE SILVEIRONA (PALEOCRISTÃ)

A 300 metros da necrópole romana encontrava-se o cemitério da Antiguidade Tardia, paleocristão, o primeiro identificado e aquele que começou por receber a atenção de Manuel Heleno, por remeter para ***"uma noite da nossa arqueologia"***: a chamada ***"época visigótica"***. Uma vez mais, os cadernos de campo constituem o elemento fundamental para o seu estudo:

"O cemitério abrange uma área em forma de ovalo com os eixos de 33m e 30m, respectivamente orientados o primeiro (maior) de SW para NE, o menor de NW para SE. Toda a metade limitada pelo eixo maior SW-NE, isto é, a metade para NW foi destruída (...)"

(Manuel Heleno, 1934).

Foram identificadas mais de 80 sepulturas, das quais 35 foram estudadas. Tratava-se de inumações simples ou múltiplas, de forma trapezoidal, na sua maioria construídas com lajes de pedra e ladrilhos, todas



Vista geral do cemitério paleocristão após as escavações. Fotografia de Julho de 1934.



Algum espólio arqueológico e osteológico do cemitério paleocristão de Silveirona. Fotografia de Maio de 1934.

Sepultura XXI com esqueleto *in situ*. Fotografia de Junho de 1934.

cobertas por uma ou mais lajes de pedra. Identificaram-se dois sarcófagos monolíticos e dois casos de possíveis incinerações. Encontravam-se alinhadas e aparentemente dispostas em função de estruturas arquitectónicas (basílica?). As ossadas conservaram-se graças às caixas sepulcrais, possibilitando o estudo antropológico da população ali enterrada.

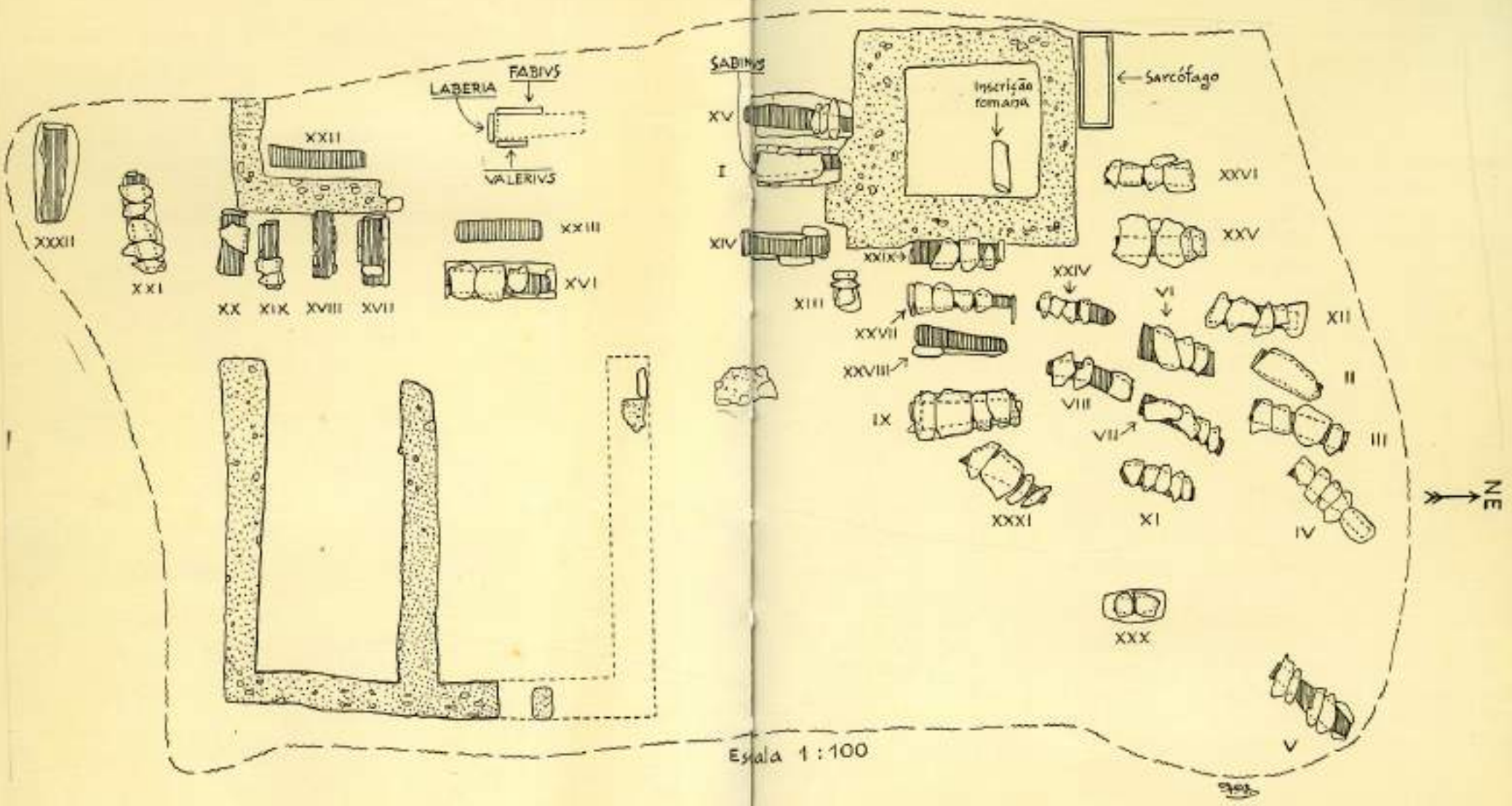
O espólio era escasso, constituído quase sempre por objectos pessoais (brincos, anéis, fivelas de cinturão), que os defuntos deveriam usar quando foram depostos. A presença de uma lucerna de origem norte-africana e moedas do antigo império romano, que continuariam em uso, sublinham a continuidade face à necrópole mais antiga.

Consciente do potencial expositivo destas sepulturas, Manuel Heleno realizou o levantamento integral de algumas, entre as quais se destaca a chamada sepultura XXI, que foi reconstituída e exposta no museu logo em 1934.

"Sepultura XXI
Orientação NW-SE.
(...) Na sepultura encontrava-se de costas, com a cabeça para NW, um esqueleto duma mulher que media de compr. 1m55. A cabeça olhando para cima, maxilas com a boca aberta, dentadura completa.
Os braços estavam formando uma grande cruz sobre o peito, o esquerdo por baixo e o direito por cima. As pernas estendidas, conservam-se os pés, ao lado dos quais (ao lado do pé esquerdo) se encontrava um crânio, mas já sem maxilares. Fémures, tíbias e perónios bem conservados. Todo o esqueleto está em bom estado. (...)
Uma particularidade interessante apresenta este esqueleto: num dedo da mão direita conservava um anel de cobre ou bronze com ornamentação. A ornamentação é constituída por duas linhas marginando todo o anel entre as quais corre um zig-zag. Pelos ângulos do zig-zag tiravam-se perpendiculares às margens do anel as quais se ladeavam de um ou dois pontos.
(desenho)
Outra particularidade desta sepultura é o encontrar-se ainda o esqueleto com brincos precisamente no lugar das orelhas. (...)
Mantive-as no seu lugar com a intenção de remover sepultura com as ossadas para o Museu Etnológico.
Mulher muito jovem."

(Manuel Heleno, Caderno n.º 3, 1934)




LABERIA
FABIVS
VALERIVS
SABINVS
Inscrição romana
← Sarcófago
XXXII
XXI
XXII
XX XIX XVIII XVII
XXIII
XVI
XV
I
XIV
XXIX
XXVI
XXV
XXIV
VI
XIII
XXVII
XXVIII
IX
VIII
VII
XII
II
III
IV
XXXI
XI
XXX
V
NE
Escala 1:100

Embora não tenha sido realizado qualquer registo gráfico para a necrópole romana, do cemitério tardio foi levantada uma planta pelo artista Francisco Valença, que à época trabalhava para o museu. Este registo constitui elemento fundamental para a compreensão do espaço fúnebre, embora não seja esclarecedor sobre as relações entre as sepulturas e as construções ali identificadas. É provável que este cemitério constituísse a continuidade da necrópole romana, ainda que não no mesmo lugar, provavelmente, por razões que se prendem com o desejo de demarcar o novo espaço da velha necrópole pagã.
A religião cristã caracteriza-se pela relevância atribuída ao além-túmulo, à vida Eterna, à preocupação da Salvação. Se nas mentalidades pagãs romanas a alma era a única sobrevivente à morte e o corpo um mero receptáculo desta, o cristianismo introduziu a noção de ressurreição da carne. A aceitação da nova religião demorou vários séculos até se generalizar nas diversas regiões do antigo império romano. Ainda assim, em muitos aspectos, não se operou uma ruptura com os anteriores modos de vida. A cultura material clássica perdurou, transformando-se, sob a égide do cristianismo.
Em âmbito cristão, as sepulturas passam a ser assinaladas por marcação horizontal. Uma forma de voltar à terra, na esperança da ressurreição. Porque era também a ressurreição da carne, não se concebia a cremação do corpo.
O suporte da inscrição continua a ser o mármore, reaproveitando materiais que tinham conhecido outras funções. O trabalho do lapicida é, nestes casos, muito fruste, não se registando a cuidadosa gravação observada nas lápides pagãs ou nas que conhecemos nesta mesma época em outras paragens. Não há qualquer intenção monumental, mas somente a de transmitir uma mensagem: alguém repousou em paz, em determinado dia de um ano (do calendário juliano).
De uma relação extrovertida passamos a uma mais íntima, que privilegia a mensagem, que suscita a dor silenciosa em lugar das lamentações e os gritos de um funeral pagão.

As epígrafes cristãs

SABINVS V(*i*)R H(*onestu*)S
VIXIT ANNOS
LxxV REQ(*uie*)VIT IN
PACE Ð(*ie*) III IDVS
MARTIAS
ERA ÐLV

Sabinus, homem notável, viveu 75 anos. Repousou em paz no 3º dia dos Idos de Março da era de 555. (= **13 de Março do ano de 517**).

Tampa encontrada sobre a respectiva sepultura. Evoca um homem ilustre, idoso, cujo sepulcro assume evidente centralidade na necrópole, como se pode apreciar no desenho de Francisco Valença.

Tampa de sepultura a *Sabinus*
Mármore
Séc. VI d. C.
N.º Inv. E 7991
Alt. 155 cm; larg. 62 cm; esp. 7,5 cm


SABINVS VIXIT ANNOS XX V REQVIT IN PACE IDIBVS MARTIAS ERAB V

(cruz) TALĀSA FAMO [*sic*]
LA DEI VIXSIT [*sic*]
ANNOS XLIIII
ET REQVIE(*vi*)T
IN PACE XV
CALE(*ndas*) SEPTEMBRES
ERA ∂Lxxx II

Talassa, serva de Deus, viveu 44 anos e repousou em paz no 15º dia das Calendas de Setembro da era de 582 (= **18 de Agosto de 544**)

Inscrição encontrada sobre a tampa de sepultura de *Veranianus* e *Savinianus*. Reutilizou um elemento arquitectónico lavrado, provavelmente da *villa* da Coelha.

(Cruz) VERAN[IA]NVS
FAMVL[VS DEI VI?]
XI[T] ANN[OS...]
REQVIE[VIT IN PA?]
CE (*die*) IIII KAL(ENDAS)
IVNIAS ER[A]
∂LxVIIII

(Cruz) SAVINI[A]NVS
FAMVLVS DEI VI
XIT ANNOS XVIII
REQVIEVIT IN P(*a*)CE
XV CAL(*e*)N(*das*) AV(*gu*)STAS
ERA ∂LXXXI
Veranianus, servidor de Deus, viveu ... anos. Repousou em paz no 4º dia das Calendas de Junho da era de 569 (= **28 de Maio do ano de 531**).

Savinianus (?), servidor de Deus, viveu 18 anos. Repousou em paz no 15º dia das Calendas de Agosto da era de 581 (= **17 de Julho do ano de 543**)

Os epitáfios foram lavrados no interior de círculos, lembrando as coroas de louros que rodeiam muitas das legendas das epígrafes funerárias de Mérida, embora os exemplares encontrados na antiga capital da província romana da Lusitânia apresentem características mais sofisticadas que as dos exemplares de Silveirona.
Esta tampa de sepultura encontrava-se partida pelo peso da lápide de *Talassa* ali colocada um ano mais tarde. O sepulcro teria recebido pelo menos três pessoas, talvez membros de uma mesma família.
No cemitério de Silveirona foram encontrados outros vestígios epigráficos, embora estas lápides sejam as mais bem conservadas. O leitor interessado em conhecer os restantes fragmentos de epígrafes ali recolhidos por Manuel Heleno poderá consultar a obra de Dias e Gaspar (Dias e Gaspar, 2006, p. 204--220).

Inscrição a *Talassa* colocada sobre a tampa da sepultura de *Veranianus* e *Savinianus*. Reutilizou um elemento arquitectónico lavrado, proveniente de alguma *villa* próxima (*villa* da Coelha?).
Mármore.
Alt. 107 cm; larg. 51 cm; esp. 9 cm
N.º Inv. E 8019




+ TALESARA MO
(A)DEM VIX SIT
ANNO S(?)
ETREQVIET
INPACE XV
(?) SEPTEMBRES

Uma basílica em Silveirona?

As inscrições cristãs costumam encontrar-se no interior de edifícios religiosos (basílicas). No caso concreto da Silveirona não foi possível estabelecer uma associação deste tipo. No entanto, o desenho de Francisco Valença pode dar-nos algumas pistas. Em primeiro lugar, as sepulturas aparecem agrupadas numa área onde também se podem observar vestígios de construções, ainda que pouco se possa saber da relação entre umas e outras. Por outro lado, a existência de sarcófagos, o número de sepulturas e a sua disposição, com a sepultura de um *Sabinus, vir honestus*, homem de prestígio, assumindo evidente centralidade, constituem outros tantos indícios interessantes. Finalmente, a presença de materiais arquitectónicos associáveis a um edifício religioso constitui outro indício revelador.

Os dois ábacos foram referidos por D. Fernando de Almeida e apresentam decorações com características distintas – note-se que os classificamos como *ábacos*, justamente porque a existência de um capitel, afeiçoado em fuste de coluna, sugere que esta seria a sua função. O mais bem conservado foi lavrado em mármore local e apresenta, nos lados maiores, fiada de triângulos envolvendo palmetas estilizadas, nos lados menores, um círculo com cruz inclusa acompanhado por duas rosetas (Almeida, 1962, p. 209-210 e figs. 170 e 172). As diferenças decorativas e estilísticas entre as duas peças conhecidas podem sugerir a existência de mais do que um edifício ou um edificado complexo.

Nos últimos anos muito se tem discutido sobre a cronologia dos

Ábaco
Mármore
Séc. VI d.C.
N.º Inv. E 8016
Comp. 42,5 cm; larg. 32,5 cm



elementos arquitectónicos com estas características, sendo dominante a ideia de que se deveria tratar de elementos mais tardios, datáveis dos séculos IX/X. No caso vertente, pensamos que se deverão considerar elementos mais antigos, do século VI/VII, fundamentalmente, porque não se regista a presença de artefactos mais tardios entre os materiais recolhidos na Silveirona.

Tratar-se-ia de um lugar sagrado, alguma sepultura privilegiada, transformada ao longo dos anos em mausoléu, em pequena basílica funerária? O culto de um mártir, então venerado, mas hoje esquecido?

Só novas investigações poderão dar uma resposta a estas interrogações.

A Silveirona tardia e o seu interesse

Ao longo do século V d. C. o Ocidente Peninsular deixou de pertencer ao império romano. Nos inícios desta centúria, um conjunto de povos exteriores ao mundo romano e, por isso mesmo, habitualmente chamados "bárbaros", penetrou na Península Ibérica e ocupou a maior parte do seu território. Depois de um agitado período com múltiplos conflitos entre estes povos, a população hispânica e os visigodos que funcionaram como força

Sarcófagos e alguns elementos arquitectónicos no momento da descoberta. Fotografia de 1934.







Anel
Liga de cobre
Séc. VI
Achado avulso do cemitério paleocristão
Diâm. aro 2,2 cm
N.º Inv. 2002.114.2

Brinco
Liga de cobre
Séc. VI
Sepultura XXVIII
Diâm. 3,1 cm; esp. aro 0,4 cm; comp. fecho 0,7 cm
N.º Inv. 2003.56.1

armada ao serviço de Roma, a noroeste, nasceu um novo reino dominado pelos suevos e, no restante território, manteve-se o protectorado dos visigodos. Estes conservavam uma unidade política centrada na região do actual sul da França, de onde foram expulsos pelos Francos. Durante o primeiro terço do século VI o reino visigodo foi-se confinando à Península Ibérica. É justamente desta época que data a necrópole tardia de Silveirona, como se pode apreciar pela cronologia dos seus enterramentos.

Lucerna
Cerâmica *Sigillata Clara*
Tipo 45 de Bonifay = Atlante VIII A 1a-b
Séc. V d.C.
Sepultura AP da necrópole romana, provavelmente próximo do cemitério cristão
Alt. máx. 5,3 cm; comp. 12,5 cm; larg. 7,5 cm
N.º Inv. 2002.31.1





Placa de cinturão
Liga de cobre
Séc. VI
Achado avulso do cemitério paleocristão
Comp. 3,5 cm; alt. 2,6 cm; esp. 0,2 cm
N.º Inv. 2003.54.1



Tem sido amplamente discutida a natureza e o alcance das transformações operadas pelas invasões e pela dissolução do império romano. Frequentemente se diz que foi uma época de crise e de colapso civilizacional. Em Silveirona havia um núcleo rural no período romano que continuou a existir em época pós romana. Nele vivia uma população relativamente próspera – o seu estudo antropológico não revela indícios de subalimentação –, que conservava hábitos de épocas anteriores e um claro domínio da literacia latina.

Em suma, parece muito mais relevante tudo o que permaneceu do que as mudanças que também terão existido, o que justifica a utilização do conceito de **Antiguidade Tardia** para designar estes tempos.

DUAS NECRÓPOLES, DOIS MUNDOS DISTINTOS?

Quem percorre esta exposição, não deixará de notar assinaláveis diferenças entre a necrópole da Fraga, Marco de Canavezes, norte do actual território português e a necrópole da Silveirona, situada no Alto Alentejo, no coração da província da Lusitânia. Na primeira, encontramos o uso exclusivo do ritual da incineração, com deposição secundária das cinzas em sepulturas construídas com lajes de granito; na segunda, encontramos práticas mistas, com predomínio do ritual da inumação, verificando-se, ainda, uma profunda mudança com a consolidação do cristianismo, embora não perceptível na Fraga.

Estaremos, pois, perante dois mundos distintos? Um, mais setentrional e conservador, mantendo velhos hábitos, primeiro indígenas, depois pagãos, e outro, meridional, mais cosmopolita e ligado às tradições mediterrâneas?

A resposta é complexa, mas genericamente negativa. Se, em lugar destas necrópoles, aqui estivessem outras, como a da Rouca, Alandroal, também escavada por José Leite de Vasconcellos, mas com espólios funerários e ritos bem diferentes de Silveirona, a analogia com a Fraga seria evidente. Para o norte, se apresentássemos a necrópole do Bairral, Baião, ou mesmo a do Freixo (*Tongobriga*), teríamos uma maior semelhança com Silveirona. Refira-se porém que o rito da cremação persistiu até épocas bastante tardias no noroeste da Península Ibérica, provavelmente, pela maior longevidade das práticas pagãs. Em meados do século VI, na mesma altura em que se lavravam os epitáfios cristãos de Silveirona, S. Martinho de Dume escreveu uma obra contra a persistência das práticas pagãs entre as comunidades rurais da região bracarense.

Trata-se, pois, de uma diferença mais ilusória do que real. Em ambos casos, observa-se a consagração dos ritos funerários romanos, na sua diversidade, com peculiaridades regionais que se expressam nas formas de tratar os mortos, mas também nos espólios funerários: em ambas, temos jarros, púcaros e pratos, mas com detalhes formais e estilísticos distintos e, por exemplo, maior profusão de artigos importados na Silveirona. Pode dizer-se, os mesmos hábitos, servidos por distintos artefactos, ou, por outras palavras, um mesmo mundo, mas com matizes locais e regionais.

As escavações das necrópoles de Silveirona tiveram um forte impacto nas populações locais, gerando interessantes respostas. Como é o caso destas cantigas populares dedicadas ao local

Quatro Lindas Cantigas

Dedicadas ao Cemiterio antigo que foi descoberto na Herdade da Silveirona em Santo Estevam, Concelho de Estremoz

MOTE	MOTE	MOTE	MOTE
Eu fui ver o cemiterio O nome antigo lhe dão Causou-me pena e tormenta Dá-me na ideia confusão	Está comigo de imaginar O que ali existiu Ou capela ou ermida De tempo da Romania	Deve ficar de orientação Foi este o descobridor Do cemiterio destruido E' este o primeiro autor	Na mesma localidade Outro cemiterio veio aparecer Ninguem poderá descobrir O que isto irá a ser
Eu vi a classificação Dos nossos antepassados Ali estavam isolados Debaixo do frio chão Ali findou a geração Naquele sitio funebre E' o caso mais sério Naquele encanto solitario No dia vinte e um de maio Fui ver o cemiterio	Há grandes escrituraçães Em marmores classificados Já um pouco desgastados Não se percebem as indicações Ha diferentes opiniões Não podem bem justificar Se foi o dilúvio que veio arrasar Quando Noé á arca desceu Será este um meio calculo Está comigo de imaginar	Muita gente vai visitar O campo da igualdade O sitio da eternidade Onde tudo vai parar Não podemos relugiar Aquele negro sitiáo E' tamanho o mysterio A' morte ninguem resiste Isso é um acto triste Deve ficar de orientação	Se houvesse um sabio ou um letrado Que fosse douta epoca nascido Que tivesse fino sentido Que fosse no estudo inteligente Que fizesse a todos sciente O que era a realidade O que existiu na antiguidade Cousa grandes confusões Haver tantas competições Na mesma localidade
Lá me andaram ensinando Muitas sepulturas e campas Pedras marmores eram tantas Que ali iam ermoncando Abalei e vim pensando Deviam ali pôr um padrão A' memoria dos que ali estão Já tem os ossos minados Há tantos séculos sepultados O nome antigo lhe dão	Era vila ou aldeia Ou sepulcro ou cidade O sitio da mocidade Não sei porque se motiva Quem bem o defenderia Evitava ser frequeada Está destruida no chão Porem não dou relação Do que ali existiu	Eugenio Rebolo Margalho Na Silveirona inquilino E' assim que eu examino Se esta obra não falho Havia falta de trabalho Desmereceu o seu valor Por ser bem cultivador Mandou a pedra furar Para a terra poder lavrar Foi este o descobridor	Foi descoberto segunda vez Ali a pequena destruia Onde perderam a infancia Muitas criaturas talvez Estrangeiro ou Portugues Tudo ali viria ter Custa a compreender Não se virem vivos certos Na circunferencia de 600 metros Outro cemiterio veio aparecer
Diziam os mais entendidos Que há mil e quinhentos anos Que findaram os soberanos Que ali estão consumidos Já não são conhecidos São esqueletos sem figura Até o mais nova criatura E a mais alta estatura E' um quadro de tristeza Causou-me pena e tormenta	Podia ser um convento Quando reinava a inquisição Onde morriam sem confissão Não recebiam o sacramento E' obra de fundamento Diziá a Bíblia conhecida Seria vila destruida A' força de grande valdão Por isso dá demonstração Ou capela ou ermida	Havia pedra espalhada Onde foi chamuscado o carvalho Ali não havia sacrificio Só lá estava uma entrada Nem a terra era cultivada Tinha o mesmo impedido Foi só este individuo Que a começou a cultivar Foi o primeiro a entrar No cemiterio destruido	Aparece uma pecanilha Junto a cada sepultura Ainda com a mesma gravura Que no seu bom tempo tinha Apareceu cada rainha Nas covas que foram abrir Para tudo bem imprimir E' isto que ali se via O que em tempo ali existiu Ninguem poderá descobrir
Não devia de ser descoberto O edificio que ali estava Que o tempo ainda guarava Campos que não estavam em aberto O que eu digo é certo E' a minha opinião Não mexer nos que lá estão Estavam em paz descansados Setem ainda desenterrados Dá-me na ideia confusão	Veiu de Lisboa um doutor Mandado pelo museu Para ver o que apareceu Se era dinheiro ou valor A ver se era conhecedor Ou estudar o que ali havia Mas do que é nada dizia Tem os segredos fechados Só se vê ossos infadados De tempo da Romania	Quando deu aparecer Muita coisa descobrida Logo foi em seguida Ao Senhorio oferecer Não podia perceber Ali há seja o que fôr E' um caso de horror Ainda mal percebido Devia de ser reconhecido E' este o primeiro autor	A terra não sem gosado Os objectos que aparecem Que ainda ali permanecem Ainda em bom estado Candeias de barro fabricado Ali estavam à exercer Está custoso de escrever Esta cena horrorósa Ninguem poderá tirár a prova O que isto virá a ser

Autor e editor:

EDUARDO JOSÉ SERRA

PREÇO $50 CTS.

VISADO PELA CENSURA

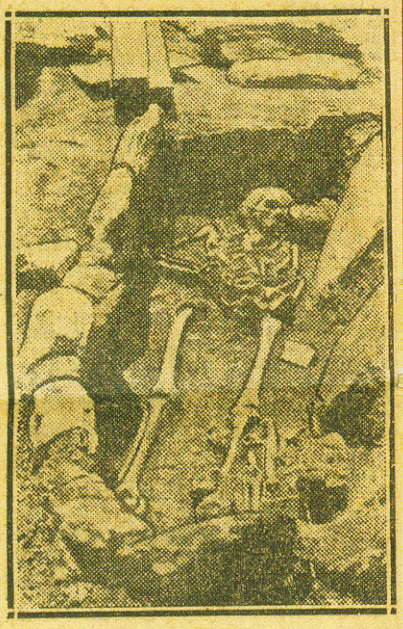
Tip. Progresso—Estremoz

A ARQUEOLOGIA E O PÚBLICO. ECOS DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Achado arqueologico

O cemiterio visigotico de Estremoz

Prosseguem activamente as escavações do cemiterio visigotico, século VI, recentemente descoberto na herdade da Silveirona, concelho de Estremoz. Pelo numero de sepulturas, pela optima conservação das ossadas e pelas inscrições que as datam, esse cemiterio constitui o mais notavel monumento arqueologico descoberto em Portugal nos ultimos anos. As escavações estão sendo dirigidas pelo director do Museu Etnologico «Dr. Leite de Vasconcelos», sr. dr. Manuel Heleno; colaborará no estudo



Uma sepultura

arqueologico o sabio professor dr. Leite de Vasconcelos e do estudo antropologico encarregou-se o sr. dr. Eusebio Tamagnini, director do Instituto Antropologico de Coimbra.

Estão seguindo com muito interesse estas investigações os notaveis professores estrangeiros srs. Zeiss, Obermaier e Ollala. Proximo do referido cemiterio, o sr. dr. Manuel Heleno iniciou sondagens em terrenos que cobrem uma importante povoação, que parece ser dos fins do Imperio Romano; e exumou dum cemiterio romano mais antigo, tambem vizinho, alguns objectos de alto valor arqueologico e artistico. E' sua intenção activar estas ultimas escavações, logo que termine as que estão em curso.

O sr. ministro da Instrução Publica, que visitou esta estação no inicio dos trabalhos, louvou, em portaria enviada ontem para o «Diario do Governo», o sr. dr. André de Brito Tavares, medico em Estremoz e proprietario da herdade da Silveirona, que não só evitou a destruição total do cemiterio visigotico, prevenindo o Museu Etnologico «Dr. Leite de Vasconcelos», como ainda ofereceu ao mesmo Museu os sarcofagos e as lapidas com inscrições, aparecidas antes do inicio das escavações ordenadas pelo Governo.

Um precioso achado arqueológico

SANTO ESTEVÃO (ESTREMOZ), 24.—C.—Na Herdade da Silveirona, desta freguesia, propriedade do sr. dr. André de Brito Tavares, medico em Estremoz, quando, há cêrca de três semanas, o rendeiro, sr. Eugenio Rebola Bargalho, procedia, com os seus criados, a uns trabalhos agricolas, descobriram-se vários objectos arqueológicos do seculo VI da era cristã.

Entre os achados, a que se concede grande importancia, figuram, além de vestigios de sepulturas, com epitáfios datados dos anos 550 e 580 da nossa era, peças de ceramica e de edificação, como colunas, capitéis, tijolos romanos, tégulas, etc.

Participada a ocorrencia ás entidades competentes, apressou-se a vir aqui o professor da Faculdade de Letras de Lisboa e director do Museu Etnográfico, sr. dr. Manuel Heleno, que logo iniciou os trabalhos de escavação.

Segundo se afirma, os achados arqueológicos permitirão preencher uma lacuna, aberta nos estudos sôbre a época a que pertencem os referidos objectos.

De visita aos trabalhos que o sr. dr. Heleno está dirigindo, estiveram, entre nós, hoje, pelas 9 horas, o sr. ministro da Instrucão, acompanhado do sr. dr. Pereira Dias, director geral do Ensino Superior e Belas Artes, e o sr. dr. Basilio de Vasconcelos.

Os visitantes não ocultaram o seu interêsse pelas descobertas realizadas e a sua admiração pelos esforços do dr. Manuel Heleno. (E)

«O Seculo»

Ano IV — Estremoz, 8 de Julho de 1951 — N.º 180

BRADOS DO ALENTEJO

AVENÇA

Alentejo · conhece · te e dá · te a conhecer

Editor: JOAQUIM RIBEIRO GOMES
Redacção e Administração: L. da Liberdade, 9 - ESTREMOZ

Director: Dr. José Laurenço Marques Crespo

Administrador: ACACIO J. P. COSTA
Composição e Impressão: Tip. BRADOS DO ALENTEJO

SEMANÁRIO REGIONAL ALENTEJANISTA

O CEMITÉRIO ROMANO VISIGÓTICO DA SILVEIRONA

fotografado por um avião

PRECIOSOS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS







Comércio de Trigos

Alentejanos em Destaque

D. Fr. José Maria da Fonseca e Évora

As Festas e Feira de Agosto na Cidade de BEJA



Caricatura de Botelho. *Sempre fixe*, 28-6-934



O insondável mistério da morte gera nas sociedades humanas distintos modos de lidar com os sentimentos de perda e ausência.

Nas atitudes em face da morte se percebe como se convive com o fim da vida. **Que a terra te seja leve**, se conservas ainda uma existência subterrânea; **descansa em paz**, na esperança da ressurreição. De uma fé a outra se encerra um percurso civilizacional, da Roma pagã ao mundo do cristianismo, que sobreviveu à dissolução política do velho império, mas uma mesma interrogação intemporal.

Apresenta esta exposição, pela primeira vez de um modo sistemático, duas necrópoles romanas que foram escavadas em distintas fases da vida deste Museu.

As necrópoles propriamente ditas espelham bem o alcance e limitações do registo arqueológico. Dos complexos ritos que envolvem a última homenagem, somente parcos resíduos materiais se conservam. Contudo, se nem esses escassos indícios fossem devidamente lidos e salvaguardados, que restaria então?

Aqui se evocam as gentes da Fraga e da Silveirona, do norte e do sul do espaço hoje português, mas também os dois primeiros directores do Museu Nacional de Arqueologia que, pela escavação as resgataram do esquecimento.